

Eduardo Caldas Rossi

*SOBRE AS MARAVILHAS 3: UMA VINGANÇA ASIÁTICO-EUROPÉIA  
CONTRA ROMA*

Monografia de bacharelado

Departamento de História  
Universidade de Brasília

Orientador: Vicente Dobroruka

Brasília, junho de 2008



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Jesus Cristo, meu único Deus e Senhor. A ele dedico todo meu esforço e trabalho. Sem Ele esse trabalho não seria possível. Jesus é o verdadeiro Mestre e a fonte de toda a sabedoria. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria peça a Deus, que a todos dá liberalmente”.

Sou muito grato à família que tenho: meu querido pai Francisco Rossi, minha amada mãe, Ana Maria e meus irmãos Bernardo e Rafael, que em diversos momentos apoiaram minha decisão de permanecer nos estudos da História. Aos meus irmãos em Cristo e discípulos que sempre me apoiaram e edificaram: Carlos Vinicius e sua esposa, Bárbra, pelo exemplo de vida e perseverança nos caminhos de Deus; Filipe Sampaio, por sempre estar ao meu lado e pela paciência em querer compreender melhor meu objeto de estudo (que até agora não sei se conseguiu!); Ugo Zanchi, discípulo, amigo e companheiro de fé e Rafaela Widmer pela companhia nos estudos e elaboração de “avançadas” teorias sobre a Antigüidade. Minha vida acadêmica deve muito ao trabalho e esforço conjunto de todos os integrantes do PEJ - Grupo de Estudos Judaico-Helenístico: nosso orientador, Professor Doutor Vicente Dobroruka, incentivador e idealizador do grupo, nosso professor de grego, Mestre Fabrício Barbacena, ao Rodrigo que me auxiliou em diversos momentos e à todos os membros do PEJ.

*O temor do SENHOR é a instrução da sabedoria, e precedendo a honra vai a humildade. Provérbios 15.33.*

*E, demais disto, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne. Eclesiastes 12.12.*



## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| Agradecimentos .....  | 2  |
| Introdução .....  | 4  |
| Capítulo 1: Publius e Públio Cipião .....                                   | 9  |
| Capítulo 2: <i>Sobre as maravilhas</i> e o "mito do rei vindo do Sol" ..... | 22 |
| Capítulo 3: A morte de Publius, uma história indo-européia? .....           | 45 |
| Conclusão .....   | 55 |
| Bibliografia .....  | 57 |



## INTRODUÇÃO

Minha monografia tem por objeto a história do general romano Publius, narrada por Phlegon de Tralles, historiador grego do séc.II d.C., na obra *Sobre as maravilhas*. Nessa obra Phlegon descreve inúmeros acontecimentos fantásticos ocorridos em diversas localidades do território romano.

Em meio às historietas de fantasmas, mortos que voltam à vida, bebês andróginos, pessoas que mudam de sexo e nascimento de bebês à partir de homens, Phlegon narrou os últimos momentos de vida de um general chamado Publius. A história é contextualizada nos momentos ocorridos logo após a vitória dos romanos sobre os soldados de Antíoco III<sup>1</sup> nas Termópilas, em 191 a.C..

A história do general Publius na obra de Phlegon está diretamente ligada a outros acontecimentos ocorridos com o comandante da cavalaria síria, Bouplagos<sup>2</sup>. Segundo o historiador grego, após lutar com valentia, Bouplagos que era tido em alta conta pelo rei Antíoco, foi gravemente ferido e caiu morto. Depois da batalha, enquanto os romanos juntavam os espólios do exército inimigo, o comandante sírio levantou-se dos mortos e dirigiu-se ao acampamento romano proclamando desgraças futuras para o exército romano, expirando (novamente) após pronunciar o oráculo. Os

---

<sup>1</sup> Antíoco III Magno, ou Antíoco o Grande, foi um rei selêucida que governou entre 223 e 187 a.C.. Antíoco acolheu a corte de Aníbal, inimigo de Roma, derrotado na Segunda Guerra Púnica (218 a 202.a.C.). Após algumas batalhas contra Roma, foi derrotado nas Termópilas, abandonando a Europa. Tendo recusado-se a deixar a região a oeste das montanhas do Taurus, Antíoco foi definitivamente vencido na Batalha de Magnésia em 189 a.C..

<sup>2</sup> Hansen afirma que uma história semelhante à ocorrida com Bouplagos é relatada por Plínio. Quando as forças de Pompeu haviam capturado os homens de Otávio, um certo Gabineus, mesmo após ter recebido um corte no pescoço que quase o decepou, foi enviado de volta para entregar uma mensagem a Pompeu dizendo que os deuses agora favoreciam a sua causa.



generais romanos decidem cremar o corpo, agora sem vida, de Bouplagos<sup>3</sup>.

Publius, em seguida a esses acontecimentos começou a agir de forma estranha e pressagiu, ele mesmo, a destruição de Roma. Após proferir oráculos sobre Roma aos seus soldados, Publius subiu num carvalho e profetizou a própria morte. Ao descer da árvore, sucedeu exatamente o que ele havia dito: um grande lobo vermelho aproximou-se e o devorou, deixando intacta somente sua cabeça. Ele, mesmo sem seu próprio corpo, continuou proferindo oráculos<sup>4</sup>.

Numa rápida análise essa história narrada por Phlegon não parece ser muito diferente de outras relatadas em sua obra. Entretanto, três fatos chamam a atenção nessa narrativa: primeiro, a grande preocupação do autor em contextualizar a narrativa; segundo, os versos anti-romanos proferidos por um general romano e, por fim, os simbolismos indo-europeus encontrados no enredo.

O autor da narrativa demonstra grande cuidado na contextualização do enredo. Divergindo das demais historietas na obra de Phlegon, essa narrativa específica contém extensos trechos descrevendo personagens e acontecimentos. Os acontecimentos e personagens históricos podem ser comparados com seções das obras de quatro historiadores antigos: Apiano<sup>5</sup>, Cássio Dio<sup>6</sup> e Tito Lívio<sup>7</sup> e Políbio<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> Phlegon de Tralles (FrGH. 257 F36). À partir desse momento, para fins didáticos, utilizarei Phlegon F36, ao me referir à esse fragmento.

<sup>4</sup> Id. ibid.

<sup>5</sup> Historiador grego (95-165 d.C.) nascido em Alexandria, Egito. Sua obra parece ser mais um conjunto de inúmeras monografias a uma história conexas. Apiano era contemporâneo de Phlegon e provavelmente sua obra, *História de Roma* teve influência direta na terceira narrativa da obra *Sobre as maravilhas*, a história de Bouplagos e Pulbius.

<sup>6</sup> Historiador romano (164-229 d.C.) que escreveu em 80 livros a obra intitulada *História de Roma*. Sua obra inicia com a fundação de Roma até o ano de sua morte. Inúmeras partes dessa obra foram perdidas. A obra de Cássio Dio, apesar de ser bem posterior a de Phlegon, pode



Extensa parte da narrativa é composta por oráculos. Os oráculos em verso possuem um conteúdo claramente anti-romano e anunciam que a devastação de Roma seria realizada por um exército vindo da Ásia distante, sob a liderança de um rei<sup>9</sup>. Assemelham-se tanto na forma quanto no conteúdo aos oráculos encontrados em textos de cunho religioso espalhados por todo o Oriente Próximo, caracterizando o que os historiadores modernos denominam de mito do Rei vindo do Sol.

O conjunto mítico que compõe o tema inclui textos como *Bahman Yašt*<sup>10</sup> (persa), o *Apocalipse de João* (Ásia Menor), o *Oráculo do oleiro* (Egito), os *Oráculos sibilinos* (origem variada). Todos esses escritos possuem seções que caracterizam o mito do Rei vindo do Sol. Esses são em sua totalidade proclamados por nativos dominados por um povo estrangeiro.

Os versos encontrados em Phlegon possuem algumas características que os diferenciam em alguns aspectos dos textos supracitados. Os versos estão inseridos numa

---

auxiliar na comparação das informações referentes à batalha das Termópilas de 191 a.C..

<sup>7</sup> Historiador romano (59 a.C.-17 d.C.) que relata a história de Roma desde a sua fundação até o ano 9 d.C.. Sua obra intitulada, *História Romana* (*Ab urbe condita* - tradução literal *Desde a fundação da cidade*) retrata a história dos primeiros reis, os Tarquínios, e os acontecimentos da República romana. Da sua obra somente 35 livros chegaram até nós - Livros 1-10 e 21-40. Esses últimos cinco livros exibem forte influência da obra de Políbio.

<sup>8</sup> Historiador grego (203-120 a.C.) que relatou os acontecimentos políticos do Mediterrâneo no período de 220-146 d.C.. Políbio, após ser levado para Roma como refém juntamente com outros nobres gregos, acabou tornando-se influente na família Cipião. Ele dedicou grande parte de sua vida escrevendo e revisando sua obra - *História*.

<sup>9</sup> Phlegon F36.

<sup>10</sup> *Bahman Yašt* é "uma compilação secundária de um material apocalíptico de diversas origens." Especula-se que tenha sido escrito no período aquemênida (648-330 a.C.), mas a compilação que temos à disposição é do período árabe. Anders Hultgård. *Persian apocalypticism* in: Collins, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. New York: Continuum, 1998, Vol 1, p 46.



narrativa não-religiosa e quem os proclama é um dominador, um general romano, e não um vencido.

O mito do Rei vindo do Sol não pode ser entendido fora do contexto de resistência cultural à dominação romana, já que esse pressupõe a vingança de um rei nativo, ou até mesmo de um deus, contra o povo dominador. Como e por que estes versos anti-romanos foram colocados na boca de um general romano?

O terceiro ponto marcante a ser analisado na história de Publius são elementos indo-europeus presentes na narrativa, mais precisamente na seqüência em que o general profetiza sua própria morte<sup>11</sup>.

A história de Publius possui elementos que são comuns a outras histórias em povos de origem indo-européia. As histórias do bebê andrógino, do herói celta Brân<sup>12</sup>, do grego Orfeu e da cabeça decepada achada no monte Capitólio, possuem todas semelhanças estruturais com a história do general Publius. Ao analisar o núcleo dessas histórias pretendo mostrar a possibilidade de que a história de Publius não é mais um conto sobre fantasmas, mas que ela faz parte de outro complexo mítico muito mais específico.

Esse estudo visa analisar a história de Publius como um todo e busca identificar, se possível, elementos que auxiliem a compreender aspectos do sincretismo cultural da época. Essa narrativa seria uma tentativa grega de escrever uma história anti-romana nos moldes dos oráculos orientais? Ou seria apenas um exemplo a mais de sincretismo cultural do Oriente, onde os elementos de diversas culturas se misturam aleatoriamente perdendo os seus significados

---

<sup>11</sup> Phlegon F36.

<sup>12</sup> Brân, o abençoado é possivelmente o nome cristão para Bendigeidfran, um personagem celta. Ele, também, pode ser referido, em gaulês, como: Bendigeid Fran, Bendigeit Vran ou Brân Llyr.



originais e ficando em grande parte apenas os estereótipos de cada tema?



## CAPÍTULO 1 – PUBLIUS E PÚBLIO CIPIÃO.

Phlegon foi um grego nascido em Tralles<sup>13</sup>, localizada na Cária, Ásia Menor. Escravo, ele foi libertado pelo imperador Adriano (117-138 d.C.) e provavelmente foi servidor público do Império. Diversas referências em suas obras mostram familiaridade com os eventos e personagens da corte imperial<sup>14</sup>.

Inúmeras obras são atribuídas à Phlegon de Tralles; *A descrição da Sicília*<sup>15</sup>, *Festival dos romanos*<sup>16</sup>, *A topografia de Roma*<sup>17</sup>, *Olimpíadas*<sup>18</sup> e *Sobre as maravilhas e Pessoas de longa vida*, entretanto somente as três últimas chegaram até nós em forma de fragmentos. Suas obras são citadas numa enciclopédia bizantina chamada *Suda*<sup>19</sup>.

*Phlegon de Tralles, historiador, libertado de Augusto César, mas alguns dizem de Adriano. Ele escreveu Olimpíadas em 16 livros. Até a 229ª Olimpíada contém o que fora feito em todo o lugar e isso em oito livros. Descrição da Sicília, Pessoas de longa vida e maravilhosas, Sobre a festa dos romanos - três livros, sobre os lugares em Roma e por quais nomes são chamados, resumo dos vencedores olímpicos em dois livros e outras coisas*<sup>20</sup>.

<sup>13</sup> Tralles é forma latina de se pronunciar *Tralleis*. William Hansen (ed.). *Phlegon of Tralles Book of Marvels*. Exeter: University of Exeter Press, 1996. p.3.

<sup>14</sup> Id. *ibid*.

<sup>15</sup> **Ekfrasin Sikel iáj**.

<sup>16</sup> Tradução literal: *Sobre a festa dos romanos* (**Periltwn paraRwmaibij eprtwn**).

<sup>17</sup> Tradução literal: *Sobre os lugares em Roma e por quais nomes são chamados* (**Periltwn eh Rwmh?topwn kailw epikekl hntai ohomatwn**).

<sup>18</sup> Tradução literal: *Sumário das Olimpíadas* (**Epitomhh oJ umpionikwn**).

<sup>19</sup> A *Suda* é uma imensa enciclopédia histórica feita pelos bizantinos do séc.X d.C. sobre o mundo Mediterrâneo antigo. Phlegon de Tralles possui uma pequena entrada nessa enciclopédia: **Fl egwn, Tral I ianoj**.

<sup>20</sup> *Suda*. “**Fl egwn, Tral I ianoj, apel euqeroj tou=Sebastou=kaišaroj, oi(de)Adrianou=fasin: ištirikoj. egrayen OI umpiađaj eh bibl ibij i#2#: eštī delmekri thj skq# oJ umpiađoj talpraxqenta pantaxou: taldel auđaleh bibl ibij h#: Ekfrasin Sikel iáj, Perilmakrobiwn kailquma- siwn, Periltwn paraRwmaibij eprtwn bibl iá g#, Periltwn eh Rwmh?topwn kailw epikekl hntai ohomatwn, Epitomhh oJ umpionikwn eh bibl ibij b#, kaila) I a**”.



A principal obra de Phlegon, intitulada *Olimpíadas* reúne uma coleção de 16 livros que relatam as Olimpíadas, desde a primeira (776 a.C.) até a 229ª (137 d.C.). Infelizmente apenas algumas passagens desse livro foram preservadas através de fragmentos nas obras de Jerônimo (séc. IV), Photius (séc. IV) e George Syncellus (séc. IX), escritores cristãos muito tardios.

Parte dessa obra foi em grande medida preservada por conter uma passagem considerada importante para os cristãos eruditos. Esses três autores consideram o relato de Phlegon sobre a 202ª Olimpíada, muito importante, porque ela comprovaria os relatos dos Evangelhos<sup>21</sup>.

Os evangelistas narram que entre a sexta e nona hora do dia em que Jesus foi crucificado houve trevas sobre a terra. Mateus<sup>22</sup> afirmou ainda que muitos sepulcros foram abertos com a ressurreição de alguns mortos.

Jerônimo<sup>23</sup>, em suas *crônicas*<sup>24</sup> afirma que Phlegon descreveu no seu 13º livro um grande eclipse ocorrido durante a 202ª Olimpíada. Terremotos também teriam atingido diversas regiões nesse período. O relato de Phlegon é fundamental para esses autores por ser proveniente de uma testemunha pagã e não-cristã.

*Jesus Cristo, de acordo com as profecias que foram proferidas sobre ele antecipadamente, sofreu a sua Paixão no 18º ano de Tibério. Sobre o período também*

---

<sup>21</sup> No que se refere aos acontecimentos durante o dia da crucificação de Jesus Cristo relatados em Mt 27.45; Mc 15.33 e Lc 24.44.

<sup>22</sup> Mt 27.52-53.

<sup>23</sup> Apologeta cristão (347-420 d.C.), responsável pela tradução da Bíblia do grego para o latim numa versão padronizada, a vulgata. Jerônimo é considerado como um dos pilares da teologia cristã.

<sup>24</sup> As *crônicas* de Jerônimo foram as primeiras tentativas desse autor na área da história, esta obra pretende relatar uma crônica da história mundial. Ela foi composta em 380 d.C. em Constantinopla. A obra é na verdade uma tradução da segunda parte da obra de Eusébio, também intitulada *Crônicas*, com um pequeno acréscimo de Jerônimo aos acontecimentos que compreendem os anos entre 325-379 d.C..



encontramos escritas textualmente em outros comentários gentios [essas coisas], que um eclipse solar ocorreu e a Bitínia foi abalada por um terremoto, caindo muitos prédios na cidade de Nicéia. Tudo isso concorda com o que ocorreu na Paixão do Salvador. De fato Phlegon, que era um excelente calculista das Olimpíadas, também escreveu sobre essas coisas no seu 13º livro: no quarto ano, contudo, da 202ª Olimpíadas, um eclipse solar aconteceu, o maior e mais excelente de todos os que aconteceram antes; na sexta hora, o dia se tornou noite tão escura que as estrelas podiam ser vistas no céu, o terremoto na Bitínia tombou inúmeros prédios da cidade de Nicéia. Estas coisas estão de acordo com o homem previamente mencionando.

A prova dessa questão é que nesse ano o Salvador sofreu [a Paixão], no Evangelho de João está escrito que no 15º ano de Tibério César o Senhor começou a pregar por três anos<sup>25</sup>.

As duas outras obras de Phlegon preservadas até os dias de hoje parecem, na verdade, ter sido produzidas para ser uma única obra. Aparentemente *Sobre as maravilhas*<sup>26</sup> e *Pessoas de longa vida* são partes de um mesmo texto. A entrada de Phlegon em grego na *Suda* parece não remeter a duas obras, mas apenas a uma, *Pessoas de longa vida* e

---

<sup>25</sup> Jerônimo. *As Crônicas*. PL 27, 570-573 (Patrologia Latina do Migne). “*Jesus Christus filius Dei salutarem cunctis praedicans viam, miracula quae in Evangeliiis scripta sunt, facit. XVII Jesus Christus filius Dei, discipulos suos divinis imbuens sacramentis, ut universis gentibus conversionem ad Deum nuntiant, imperat. XVIII Jesus Christus filius Dei, secundum prophetias, quae de eo fuerant praelocutae, ad passionem venit anno Tiberii VVIII, quo tempore etiam in aliis ethnicorum commentariis haec ad verbum scripta reperimus: Solis facta defectio, et tenebrae super universam terram. Bithynia terraemotu concussa, et in urbe Nicaena aedes plurimae corruerunt. Quae omnia his congruunt, quae in passione Salvatoris acciderunt. Scribit vero super his et Phlegon, qui olympiadarum egregius supputator est, in XIII libro ita dicens: Quarto autem anno CCII olympiadis, magna et excellens inter omnes, quae ante eam acciderant, defectio solis est facta; dies hora sexta in tenebrosam noctem versus, ut stellae in coelo visae sint, terraeque motus in Bithynia Nicaenae urbis multas aedes subvertit. Haec supradictus vir. Argumentum autem hujus rei, quod Salvator isto anno passus sit, Evangelium praebet Joannis, in quo scribitur, post decimum quintum annum Tiberii Caesaris, tribus annis Dominum praedicasse”.*

<sup>26</sup> *Sobre as Maravilhas* é o título da obra que chegou aos dias de hoje provavelmente se refere à segunda parte da obra *Pessoas de longa vida* e *maravilhosas* citada no *Suda*.



*maravilhosas* (**Peril makrobiwn kai qaumasiwn**). Semelhante nome é encontrado num manuscrito do séc.X<sup>27</sup> que fala das obras de Phlegon. A forma léxica grega é semelhante ao da *Suda*, mas com outra seqüência para as palavras, *Pessoas maravilhosas e de longa vida* (**Peril qaumasiwn kai makrobiwv**)<sup>28</sup>. Não há ainda uma explicação conclusiva para definir, se as obras foram produzidas para ser uma só ou se foram produzidas separadamente.

*Sobre as maravilhas* difere das demais obras de Phlegon por ser sensacionalista. O gênero dessa obra é classificado pelos estudiosos modernos de paradoxografia, ou seja, “relatos de fenômenos estranhos”. Esse gênero literário não existia na Antigüidade como algo independente. Os antigos, ao lerem tais obras não as consideravam como sensacionalistas, ou melhor, não as caracterizavam como um gênero literário específico.

Nos dias atuais pouco se sabe sobre o consumo de tais obras literárias na Antigüidade. Discussão semelhante ocorre com os estudos apocalípticos, onde pouco se sabe com relação ao modo de consumo de textos apocalípticos<sup>29</sup>. Os antigos não compreendiam esses textos como obras apocalípticas, não consideravam tais conteúdos como um gênero literário diferente dos demais.

Há inúmeras obras que são caracterizadas como paradoxográficas<sup>30</sup>, as primeiras das quais foram escritas no início do período helenístico. As obras dos antecessores de Phlegon são diferenciadas da sua, por relatarem

---

<sup>27</sup> William Hansen cita o manuscrito sem dar suas referências. *Phlegon of Tralles Book of Marvels*, p.17.

<sup>28</sup> Id. *ibid.*

<sup>29</sup> Oráculos sibilinos, Oráculo do Oleiro e Avesta são exemplos desses textos.

<sup>30</sup> Idem, p.3. Calímaco de Cirene (305-240 a.C.) na obra *A coleção das maravilhas de toda a terra*, organizados por localidade, assim como outros vinte autores.



fenômenos fantásticos naturais relativos à água, plantas, animais, terra, fogo ou a localidades específicas<sup>31</sup>.

*Sobre as maravilhas* relata acontecimentos humanos fantásticos ocorridos em todo o território romano. Hansen observou que as histórias com eventos maravilhosos semelhantes haviam sido colocadas próximas uma das outras no texto, sendo assim, na sua tradução catalogou as histórias em várias categorias de eventos bizarros: fantasmas, hermafroditas, mudanças de sexo, registros arqueológicos de ossos gigantes, nascimentos monstruosos, nascimentos a partir de homens, nascimentos múltiplos, crescimento anormal de seres-humanos e o descobrimento de centauros vivos. Muitas dessas historietas não passam de pequenos trechos que descrevem o fato ocorrido, enquanto que outras são pequenas narrativas, embora mais completas.

Hansen, na sua tradução<sup>32</sup>, faz uma pequena separação entre as histórias de Bouplagos e de Publius. Entretanto, ao analisar o texto em grego encontrado nos *Fragmente der griechischen Historiker*<sup>33</sup> as histórias encontram-se juntas, Jacoby não subdividiu a narrativa de Phlegon.

A história dos dois comandantes militares é contextualizada nos momentos seguintes a vitória dos romanos sobre o exército de Antíoco III na batalha travada nas Termópilas em 191 a.C.. Phlegon, primeiramente, narra a história de Bouplagos, comandante da cavalaria síria, tido

---

<sup>31</sup> Idem, p.11.

<sup>32</sup> Existe duas traduções da obra de Phelgon que está em grego, uma para o alemão (Kai Brodersen. *Phlegon von Tralleis, Das Buch der Wunder und Zeugnisse seiner Wirkungsgeschichte*. Darmstadt: Wiss. Buchges, 2002) e outra para o inglês (William Hansen. *Phlegon of Tralles Book of Marvels*. Exeter: University of Exeter Press, 1996). Para este estudo utilizei a tradução crítica de Hansen, assim como o original em grego encontrado no FrGH.

<sup>33</sup> Felix Jacoby. *Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden: Brill, 1954. Coleção organizada por Felix Jacoby das obras de historiadores gregos antigos, as quais foram perdidas, mas ainda foram preservadas através de citações, fragmentos ou sumários.



em alta conta pelo rei Antíoco. O autor relata que Bouplagos, após lutar corajosamente contra os romanos, foi ferido 12 vezes e caiu morto. Com a vitória, os romanos reuniram-se para juntar os espólios do exército inimigo. O comandante sírio, entretanto, levantou-se dos mortos e dirigiu-se ao acampamento dos romanos ordenando que estes parassem a pilhagem. Após pronunciar um oráculo em verso, ele expirou, pela segunda vez<sup>34</sup>.

Os generais romanos, temerosos do que haviam presenciado, cremaram o corpo de Bouplagos, levantaram acampamento e foram para Naupactos, localizada na Etólia, onde realizaram sacrifícios no templo dos gregos, segundo os costumes locais<sup>35</sup>. Logo em seguida Phlegon inicia a história de Publius.

Phlegon afirma que Publius começou a agir de forma estranha logo após o término dos ritos de Bouplagos. O general romano começou a proclamar oráculos como se possuído. Esses oráculos serão analisados com maior cuidado no segundo capítulo desta monografia.

Publius anuncia inúmeras tragédias e desgraças que sobrevirão sobre o povo romano. No fim, sobe num carvalho e profetiza como seria sua própria morte, afirmando que sua própria destruição era prova que ele estava falando sob inspiração divina. Após descer do carvalho, segundo a narrativa, ocorre exatamente o que ele profetizara: um grande lobo vermelho se aproximou e devorou o general romano, deixando-lhe somente a cabeça. Essa, mesmo sem o corpo, continuou a proclamar as desgraças futuras que Roma sofreria.

---

<sup>34</sup> Phlegon F36.

<sup>35</sup> Hansen no seu comentário à obra de Phlegon afirma que em Naupactos não há nenhum templo grego conhecido pelos historiadores modernos.



O nome “Bouplagos” (*boupl agoj*) é bastante raro na Antigüidade. Há pouquíssimos relatos desse nome nas fontes históricas. Crawford afirma que por ser um nome tão raro nas fontes antigas o Bouplagos encontrado na narrativa de Phlegon parece ser mais uma evidência histórica da existência desse comandante sírio do que uma escolha aleatória<sup>36</sup>.

O nome “Publius”, ao contrário de Bouplagos, é extremamente comum na Antiguidade, tanto na época de Phlegon quanto no período em que a narrativa foi ambientada. Não há consenso entre os historiadores sobre quem seria o general Publius. Crawford<sup>37</sup> e Hansen<sup>38</sup> afirmam que alguns estudiosos defendem que o “general Publius” encontrado na história de Phlegon poderia ser o general Públio Cornélio Cipião, o Africano<sup>39</sup>, irmão de Lúcio Cornélio Cipião o Asiático.

Há inúmeros fatores que favorecem tal argumentação. Desenvolverei três que considero importantes para análises posteriores: 1. O grande prestígio de Públio Cipião entre os romanos<sup>40</sup>; 2. Sua participação na campanha romana contra Antíoco III; 3. Ele ter assumido o comando do exército romano na Etólia logo depois da batalha das Termópilas.

Públio Cornélio Cipião foi o general romano responsável pela vitória romana contra os cartagineses comandados por Aníbal. Essa conquista acabou com a principal rival de Roma, Cartago, e proporcionou a soberania militar e

---

<sup>36</sup> Michael Crawford. *Mirabilia and Personal Names* in: Simon Hornblower e Elaine Matthews (orgs.). *Greek Personal Names: Their Value as Evidence* Oxford: Oxford University Press. 2000. pp.145-148.

<sup>37</sup> Id. *ibid*.

<sup>38</sup> Hansen, *op.cit.* p.110.

<sup>39</sup> Utilizarei nesta monografia o nome Públio ao me referir à Cipião Africano e Publius ao me referir ao general da história de Phlegon. Essa diferenciação é apenas didática, no original em grego os nomes dos dois generais são idênticos.

<sup>40</sup> Eva Sanford. “Roman Avarice in Asia”. *Journal of Near Eastern Studies*. Chicago, 9(1), 2001. pp.29-30.



econômica dos romanos no Mediterrâneo. Devido a sua brilhante campanha militar, Públio ganhou o título de “Africano” e grande prestígio em Roma.

O general Publius, assim como Públio Cipião, possuía grande respeito e o reconhecimento de seus homens. Publius, no início da narrativa, é descrito como o melhor homem dentre todos e um experiente líder.

*Quando palavras sobre esse assunto alcançaram os soldados ordinários, eles todos correram para a tenda de Publius, em parte pela ansiedade e espanto do melhor homem entre eles, um líder experiente, cair em tal estado e parcialmente de um desejo de ouvir o que estava dizendo [...]*<sup>41</sup>.

Cássio Dio<sup>42</sup> relata que Públio e seu irmão Lúcio foram designados pelos romanos para realizar a campanha militar contra o rei Antíoco. Tito Lívio também relata a aceitação do Senado romano à escolha dos Cipiões para serem comandantes das tropas romanas numa campanha na Grécia e Ásia Menor.

*[...] Ambos os cônsules desejavam a Grécia [...] Publius Cipião Africano declarou que se o Senado decretasse a Grécia ao seu irmão Lúcio ele mesmo iria servir abaixo dele. A declaração dele teve aprovação universal e pôs um fim a qualquer discussão prolongada. O Senado ficou contente com a oportunidade de descobrir quem receberia maior ajuda - Antíoco, do conquistado Aníbal ou o cônsul e as legiões de Roma do seu conquistador Cipião, e eles quase unanimemente decretaram a Grécia para Cipião e a Itália à Laelius*<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> Phlegon F36. “diaggel qehtoj de\ t%-pl hqei tou=pragmatoj suneqeon pahtej proj thh sknhh tou= Pobl ibu, aqna meh upagwniwatej kai\ ekpepl hgmehoi epil t%-toh kpatiston autwn kai\ dunamenon a)fhgei= sqai met )empeiriaj h)uxhkehai, a)na dela)kouein bou l omenoi tal egomena [...]”.

<sup>42</sup> Cássio Dio *História de Roma*. 19.20.

<sup>43</sup> Tito Lívio. *História de Roma*. 37.1. “Tum de consulum prouinciis coeptum agi est. ambo Graeciam cupiebant. [...] Scipio responso ad hoc dato cogitaturum, quid sibi faciendum esset, cum fratre uno locutus iussusque ab eo permittere audacter senatui, renuntiat collegae facturum se, quod is censeret. Cum res aut noua aut uetustate exemplorum memoriae iam exoletae relata expectatione certaminis senatum erexisset, P. Scipio Africanus dixit, si L. Scipioni fratri



A batalha nas Termópilas é um fato histórico determinante para qualquer possível associação entre Públio e Publius. Phlegon, no início de sua narrativa apresenta algumas informações do contexto histórico da batalha nas Termópilas, como por exemplo, o nome do cônsul romano que fora o comandante daquela batalha.

O historiador grego Apiano<sup>44</sup>, contemporâneo de Phlegon, narra em sua *História romana* com maior detalhe os acontecimentos dessa batalha nas Termópilas. Diversos dados fornecidos por Phlegon são extremamente iguais aos fornecidos na obra de Apiano.

Ambos os textos afirmam que o exército romano sob comando do cônsul Manius Acilius Glabrio juntamente com os generais Marcus Porcius Cato e Lucius Valerius avançaram contra o exército do rei Antíoco acampado nas Termópilas. O rei selêucida ao primeiro sinal de derrota, fugira com quinhentos de seus cavaleiros para Elatéia e posteriormente para Éfeso. Após o confronto, os romanos saquearam e pilharam o acampamento do rei inimigo e fizeram muitos prisioneiros. Cato foi enviado a Roma para anunciar a vitória enquanto Manius comandou os romanos que se dirigiam para a Etólia, combater as cidades aliadas de Antíoco.

---

*suo prouinciam Graeciam decreuissent, se legatum iturum. Hhaec uox magno adsensu audita sustulit certamen; experiri libebat, utrum plus regi Antiocho in Hannibale uicto an in uictore Africano consuli legionibusque Romanis auxilii foret; ac prope omnes Scipioni Graeciam, Laelio Italiam decreuerunt”.*

<sup>44</sup> A obra de Tito Lívio não apresenta algumas das informações encontradas em Phlegon; a obra de Cássio Dio é posterior à de Phlegon. A obra de Políbio, autor contemporâneo ao conflito, também retrata a guerra entre Roma e Antíoco, entretanto sobre a batalha nas Termópilas ele afirma apenas que Antíoco havia sido derrotado e fugiu para Éfeso com mais 500 homens que o acompanhavam (Políbio. *História*. 28.8). Frank Walbank. *Polybius*. Los Angeles: University of California Press, 1990. Possivelmente Políbio escreveu mais sobre essa batalha, mas desse livro só temos alguns fragmentos.



Todos os dados acima são comuns a Apiano e Phlegon. Pela proximidade cronológica de ambos e pelas semelhanças dos dados mencionados, pode-se falar de uma possível origem comum, ou mesmo de influência direta de um para o outro. Acredito que essa possibilidade, seja o mais provável<sup>45</sup>. A obra de Apiano possivelmente foi a fonte utilizada por Phlegon para contextualizar sua narrativa.

As semelhanças não estão somente na descrição da batalha das Termópilas. Há outras semelhanças encontradas no desenrolar da história dos dois autores.

Apiano afirmou que o exército romano permanece na região da Etólia até a chegada do novo cônsul Lúcio Cipião e seu irmão Públio Cipião Africano. Tito Lívio escreveu que durante a estadia do exército romano na Etólia, diversos fenômenos estranhos ocorreram em Roma antes da partida dos Cipiões para a Etólia<sup>46</sup>. Cássio Dio afirmou que os romanos estavam sitiando a cidade de Naupactos, na Etólia, quando os Cipiões chegaram<sup>47</sup>.

Públio assumiu o comando do exército ainda na Etólia e preferiu não atacar as cidades etólias, deixando a elas uma oportunidade de enviarem uma embaixada a Roma e negociarem a paz; prosseguiu o avanço romano para a Macedônia<sup>48</sup>.

Publius não é citado na história de Phlegon durante a batalha das Termópilas. Ele só é acrescentado à narrativa

---

<sup>45</sup> As obras de Políbio ou Tito Lívio possivelmente influenciaram os dois autores, mas também pode haver uma influência direta entre Apiano e Phlegon. Entretanto, todas as informações históricas encontradas na obra de Phlegon encontram-se na obra de Apiano, mas não são encontradas em Políbio ou Tito Lívio. Para afirmar tal influência entre os textos serão necessários estudos lingüísticos comparando ambos os textos. John Balsdon. "Rome and Macedon, 205-200 B.C.". in: *The Journal of Roman Studies*. 44, 1954. p.30.

<sup>46</sup> Tito Lívio. *História Romana*. 37.4. Durante os preparativos dos romanos, diversos raios atingiram Roma, matando algumas pessoas. No tempo da partida dos Cipiões para a Etólia, estavam acontecendo em Roma os Jogos dedicados a Apolo e o dia tornou-se noite, devido à um eclipse, tão escuro que as estrelas podiam ser vistas.

<sup>47</sup> Cássio Dio. *História Romana*. 19.18.

<sup>48</sup> Idem. 9.20.



depois que os exércitos romanos se dirigiram para Naupactos, na região da Etólia. Phlegon afirma ainda que os romanos, após receberem maus augúrios da profecia de Bouplagos e também de Delfos, decidiram não mais guerrear contra os povos da Europa. Ambos os pontos se assemelham com seções das obras dos três historiadores romanos supracitados; Cássio Dio, Tito Lívio e Apiano.

Públio Cipião recebe o comando das tropas depois da batalha nas Termópilas, provavelmente na cidade de Naupactos, na mesma região e momento que Publius surge na narrativa de Phlegon.

[...] O último nomeado Lúcio Cipião como sucessor de Manius no comando, já que ele era cônsul, mas como ele era inexperiente na guerra eles apontaram como oficial subalterno o seu irmão, Públio Cipião, quem abateu o poder cartaginês e foi o primeiro a obter o título Africano. [...] Nesse meio tempo Públio Cipião chegou na Etólia com o cônsul e recebeu o comando do exército de Manius. Ele desprezou o cerco às cidades da Etólia como se fossem pequenos negócios, e permitiu a suplica do povo em enviar uma nova embaixada a Roma, enquanto ele apressava-se contra Antíoco antes que o mandato de cônsul de seu irmão expirasse<sup>49</sup>.

As conseqüências da vitória nas Termópilas são registradas tanto por Phlegon quanto por Apiano e Tito Lívio. Ambos escreveram que após a vitória romana, Antíoco foi obrigado a se retirar para a Síria e a pagar alta indenização a Roma. Outro fato que importante descrito pelos três autores é o massacre romano dos povos celtas que habitavam a Ásia Menor no decorrer da campanha contra o rei selêucida.

<sup>49</sup> Apiano. *Guerras Siríacas*. 4.21; 23. “[...] Oí (del Mani% Meh aípountai diádoxon epi thh stathgián Leukion Zkipiáwna, of tote auktó; upatój hē, appakt% d’ ohti kail apeipopoleim% suboulon aifountai toh adel foh Popl ion Skipiáwna toh Karxvdonibuj a’fel oMenon thh hgemoniha kail prwtón onomasqēhta Afpikanbn. [...] Popl ioj del Skipiáwn afikomenoj ej Aiktwl iha meta\ tou-upatou, kai toh Manibu statoh paral abwbn, taj mēn ej Aiktwl i# pol iopkiáj upereiden wj mikpoh epgon, kail toij Aiktwl ioj deomeñoij epetpeyen au%ois ej R(wmhñ presbeusai peril sfwn, del toh `Antioxon hpeigeto prin ekbhñai t%-adel f% thh strathgiha”.



A glória da família Cipião aumentou ainda mais com a vitória dos romanos sobre Antíoco. O mérito da vitória foi dado a Lúcio Cipião, que ganhou o título de “Asiático”, semelhante ao de seu irmão.

Há fortes evidências que permitem levantar a hipótese de uma possível associação de Públio Cornélio Cipião com o Publius de Phlegon. O autor da história de Publius poderia simplesmente estar pensando no famoso Públio Cipião ao falar do general Publius<sup>50</sup>. No entanto, há dois pontos que não podem ser negligenciados ao se fazer tal associação. A morte dos dois generais não ocorre no mesmo ano, nem da mesma forma.

O general Publius, segundo o relato de Phlegon, profetizou sua própria morte dias após a batalha das Termópilas e logo após anunciar seu próprio destino um lobo aproximou-se dele e o devorou, deixando somente a cabeça intacta, como vimos.

Cássio Dio afirma que Públio Cipião morreu no mesmo ano que seu rival Aníbal<sup>51</sup>, ou seja, 183 a.C.. Há aqui um descompasso de nove anos entre a morte de Publius e Públio Cipião.

Um historiador moderno não poderia buscar informações históricas de Públio Cipião a partir de Publius. A narrativa em que esse último está inserido não pretende ser historiográfica; a narrativa da vida e morte de Publius se encontra numa obra repleta de historietas fantásticas. Entretanto, encontrar informações de “Publius” em “Públio” pode trazer resultados interessantes a uma pesquisa.

---

<sup>50</sup> O autor da narrativa poderia estar usando o recurso da pseudonímia. Esse questão será analisada no segundo capítulo desta monografia.

<sup>51</sup> Cássio Dio. *História Romana*. 19.21.



Phlegon<sup>52</sup> teve a preocupação em nomear os três comandantes responsáveis pela batalha das Termópilas: Acilius Glabrio, Porcius Cato, Lucius Valerius Faccus. Estes três nomes são citados por Tito Lívio, Apiano e Cássio Dio. Houve igualmente a preocupação do autor em descrever os acontecimentos em ordem cronológica, na qual há referências semelhantes em Apiano.

O nome Bouplagos, como foi discutido anteriormente, não parece ter surgido aleatoriamente na narrativa, mas sim como tentativa de dar legitimidade, ou melhor, veracidade ao texto. Há também a possibilidade do general Publius citado na história de Phlegon tratar-se de um general Publius histórico, Públio Cornélio Cipião. O contexto da história, e o nome do general podem ter sido escolhidos seguindo um objetivo específico.

O autor da narrativa de Bouplagos e Publius não está preocupado em fazer historiografia, ou melhor, buscar uma verdade nos acontecimentos ocorridos após a batalha das Termópilas, assim como não parece estar interessado em contar apenas uma de história fantasmas ou de cabeças falantes. A intenção do autor parece ser outra. Que intenção seria essa?

---

<sup>52</sup> A história de Phlegon é dividida composta de três partes, segundo a divisão de Hansen. Uma com o contexto histórico, outra com os oráculos e outra para a descrição da morte do general romano. A primeira parte pode ter sido redigida posteriormente, possivelmente pelo próprio Phlegon. A segunda e a terceira partes, possivelmente foram elaboradas por outro autor.



## CAPÍTULO 2 - SOBRE AS MARAVILHAS E O MITO DO REI VINDO DO SOL.

A narrativa dos últimos momentos da vida do comandante sírio Bouplagos e do general romano Publius é uma das mais longas histórias encontradas em *Sobre as maravilhas*. Entretanto mais da metade de seu conteúdo é composto de oráculos.

Nessa narrativa constam sete oráculos. O primeiro é proferido por Bouplagos; o segundo é um oráculo de Delfos e os demais são ditos por Publius. Os oráculos do general romano são ao todo cinco, três em verso e dois em prosa. A diferenciação de oráculos em prosa e verso é apresentada no próprio corpo do texto.

*Depois que os ritos foram realizados, o general Publius começou a delirar e se comportar de maneira desordenada, fazendo muitos discursos em estado de possessão divina, alguns dos quais estavam em verso e outros em prosa<sup>53</sup>.*

Para facilitar a análise do trabalho, aproveitei a divisão do texto e ordenei os sete oráculos em dois grupos: aqueles que estão em verso e aqueles que estão em prosa.

Após uma breve introdução histórica, Phlegon afirmou que Bouplagos, depois de lutar e ser gravemente ferido caiu morto. Enquanto os romanos pilhavam o exército inimigo,

---

<sup>53</sup> Phlegon F36. Toda a narrativa de Publius encontra-se nesse fragmento (FrGH. 257 F36). “*Toutwn delepíte l oumehwn o(strathgoj Popl ioj e)nmantj genomenoj kailparafrwn a)pofqeggetai pol l a/tina e)hqousiwdwj, talmeh e) metro%, e)stih d j(kailkatal ogadhñ*”.



Bouplagos voltando do mundo dos mortos, foi ao acampamento romano e proferiu as seguintes palavras<sup>54</sup>:

*Parem de saquear um exército que foi ao Hades,  
Pois Zeus, Filho de Cronos, está furioso observando  
seus atos doentios,  
Colérico pelo massacre de um exército e seus pelos  
seus feitos, e  
Enviará uma tribo de corações corajosos contra sua  
terra  
Isto colocará um fim ao seu governo, e vocês pagarão  
por tudo o que vocês tem feito<sup>55</sup>.*

Os generais romanos, temerosos com o ocorrido, decidem cremar o corpo de Bouplagos e enviam uma delegação para Delfos obter dos deuses um direcionamento sobre o que deveriam fazer. A resposta do oráculo foi à seguinte<sup>56</sup>:

*Contenham-se agora, romanos, e permita que justiça  
permaneça com vocês.  
Para que Atena não provoque uma grande guerra  
[destruição] contra você,  
E faça desolar seus mercados, e vocês, tolos, por todo  
seu esforço,  
Percam tanta riqueza antes de alcançarem sua terra<sup>57</sup>.*

Os romanos, temendo o futuro, decidiram não mais guerrear com os povos europeus e se dirigiram à Naupactos a fim de realizarem sacrifícios no templo grego local. Hansen afirma que nessa cidade não há nenhum templo como o citado na história de Phlegon que seja conhecido pelos

---

<sup>54</sup> O primeiro oráculo da narrativa escrito em verso e proferido por Bouplagos. A partir desse ponto, para fins didáticos, utilizarei o termo Oráculo I ao me referir ao mesmo.

<sup>55</sup> Phlegon F36. “*pausai skul euwn stratoh* Άιδοι ειη xqoha Bahta hñn gap Kponidhj nemes#-Zeuj mefmera I eußswñ, mhnièi delfoh% sratiaj kaißsoisin ep ðþgoij, kaißpemyei fuß on grasukardion eiη xqoha thh shh, oi(s ð) xhj paußousin, a)mei(y)ß d) ði(a)g) ðþecaj”.

<sup>56</sup> Segundo oráculo da narrativa, escrito em verso e foi proferido pelo oráculo de Delfos. Seguindo a ordem utilizarei o termo Oráculo II.

<sup>57</sup> Phlegon F36. “*i)ßxeo nuñ, ðwmaie, dikh de/ toi e)hmonoj e)stw, mh/ soi e)fopmhßß Palla j pol ul ferteron* Άrh xhwßß t) ðþopaj! sul de/ nhpie, pol la) moghsaj i)çeai e)j xwñhn thh shh pol uh o)ßon o) e)ßsaj”.



pesquisadores modernos. Isso poderia demonstrar o desconhecimento do autor desse enredo com relação às práticas religiosas realizadas na região.

O general Publius, após esses ritos religiosos, começou a delirar e comportar-se de maneira estranha proferindo oráculos em estado de possessão. Em seu primeiro oráculo<sup>58</sup>, Publius anuncia a vingança da Ásia contra Roma, com a vinda de um rei e um exército vindo da Ásia, terra onde nasce o Sol. Esse “rei” reuniria consigo um grande contingente de todas as partes daquele continente e da Europa, para assolar as terras romanas e escravizar para sempre seus habitantes.

*Ó minha pátria, quão venenoso o que Atena irá trazer a  
você,  
Depois que você roubou a Ásia, com sua grande riqueza  
e retornou para o  
Solo italiano<sup>59</sup> e suas adornadas cidades  
Da Sicília, amada ilha, a qual Zeus fundou.  
Em troca um exército, bravo e de espírito forte, virá  
Da distante Ásia de onde nasce o Sol,  
E um rei atravessará o estreito vau do Hellesponto  
Fará uma trégua fiel com um governador epirota [e]  
Ele irá para Ausônia<sup>60</sup> depois de ter reunido um  
exercito incontável.  
De todas as partes da Ásia e da amada Europa, e [ele]  
Dominará vocês, fazendo desolar suas casas e cidades  
muradas  
E escravizará vocês, levando embora seu dia de  
liberdade<sup>61</sup>.*

<sup>58</sup> Oráculo III, primeiro de Publius, em verso.

<sup>59</sup> Paralelo com Ap 18.3 ; 18.6-7 e OrSib 3.350-355.

<sup>60</sup> Hansen, op.cit. p.108. O texto em grego está corrompido nessa parte; Ausônia, que significa Itália.

<sup>61</sup> Phlegon F36. “w̄patris, oíēh soi lugroh fepei Arh Aqhñh, hñika porqñs̄s Asihn pol ubl bon ikhai Ital ihn E] gaina eustefahouj te pol hnas Orinakiñj nh̄sou pol uhratou, hñ ktisato Zeuj, h̄cei gar stratih̄ pol ufertatoj, oprimoqumoj, thl oqen e: Asihn, oqen h̄l ibu ahtol ai/eiḣin, kai basil euuj diabaj steinoh poron EIl hspõntou ofkia pista\ temei=proj koiranon Hpeirwñhn! h̄cei d Auḣsoniñn stratih̄n a)h̄atiqmon a)geit̄raj pahtoqen ek thj Asihj h̄l Eujwphj e)rateinhj, kai/se dam#; ch̄pouj d b̄ikouj kai lteikea qeḣei, doul osuñhn d )epil̄pasin e] euqeron h̄mar apouf̄raj teucei mh̄hidoj ouf̄ek )Aqhvaiñj megaqumõn”.



No entanto, cabe aqui fazer uma ressalva de que o texto não fala que o rei vem da Ásia, mas sim o seu exército. Mesmo que o texto não tenha afirmado a procedência do rei, e sim do exército, a passagem não deixa de assemelhar-se com os oráculos que formam o conjunto do mito do Rei vindo do Sol. Este estudo considera que o exército dificilmente marcharia da Ásia para Europa sem um líder, talvez um rei. Portanto é razoável supor que o rei viria da mesma região que o exército e talvez fosse essa a intenção do autor do oráculo.

O general Publius continua a proferir oráculos, desta vez em prosa<sup>62</sup>, anunciando o que ocorrerá nas batalhas entre Roma e Antíoco, prevendo a devastação romana sobre os povos celtas que habitavam na Ásia.

*Eu revelo, soldados e cidadãos, nesta travessia da Europa para Ásia, vocês irão superar o Rei Antíoco nas batalhas no mar e na terra e se tornarão senhores de toda a terra deste lado de Tauros e de todas as cidades estabelecidas nela, levando Antíoco para a Síria; esta terra e estas cidades serão entregues aos filhos de Átalo<sup>63</sup>. Os celtas que moram na Ásia enfrentarão vocês na batalha e serão vencidos, e vocês irão tomar posse de suas mulheres, crianças e todos os bens familiares e os transportarão para Europa.*

[...]

*Quando os outros tiverem chegado em segurança e forem transportados para Roma, haverá um tratado com o Rei Antíoco, de acordo com este, ele pagará tributo e se retirará para uma certa região<sup>64</sup>.*

<sup>62</sup> Oráculo IV, primeiro escrito em prosa.

<sup>63</sup> Provavelmente se refere à Átalo II (220-138 d.C.) foi rei de Pérgamo, cidade localizada na parte oeste da Ásia Menor durante o contexto da narrativa. Ele auxiliou o exército romano contra os exércitos selêucidas de Antíoco III durante.

<sup>64</sup> Id. ibid. "Mhnuþmen, wþaðrej stratiwtai kail pol itai, diabahtaj ek thj Eurwphj epilthn Asian nikhsai uþaj toh basileá Antíboxon nauma xhsantaj te kail pez\$-paratacamehouj, kurieusai del tnj epitade tou-Taurou xwraj pašj kail twn pol ewn twn ekti smehwm eh aut\$ ekbal ohtaj toh Antíboxon eij Surían tauthn del paradoqhñai kail taj pol eij toij Attalou uipij. Gal ataj te touj katoikouataj eh t\$-Asian# paratacamehouj pros uþaj hsshqhñai, twn te gunaikwv kail tekwnn kail aposkeuhj pašj kurieusai uþaj kail abagein eij thh Eurwphn.[...] dhmwqentwn del twn a] I wn kail komisqhtwn eij



Esse oráculo em prosa é uma profecia *ex-eventu*. Ele não descreve desgraças futuras aos romanos e sim o contrário, conquistas que eles de fato realizaram.

Podemos inferir da profecia a assinatura do tratado de Apaméia (118 a.C.), no qual Antíoco III perdeu toda a Ásia Menor a oeste do Taurus e ainda foi obrigado a pagar uma alta indenização a Roma. Por fim trata-se a destruição da tribo celta do *tolistoboi*, que habitava a Ásia Menor.

Publius, novamente em versos, anuncia inúmeras outras desgraças que ocorreriam aos romanos<sup>65</sup>.

*Quando os brilhantes cavalos de Nesaian<sup>66</sup>, com suas  
frontais de ouro  
Andarem sobre a ilustre terra, deixando para trás o  
pedestal  
[...]  
Dourado, e ele ajustou nisto o filho de Hiperion<sup>67</sup>  
Com irradiação de raios e olhos resplandecentes  
Neste tempo, Roma, seu duro sofrimento irá ser  
totalmente completado.  
Já que uma enorme tropa virá e destruirá toda sua  
terra,  
Fará desolar seus mercados, destruirão suas cidades  
com fogo,  
Encherá seus rios com sangue, preenchendo também o  
Hades,  
Trará sobre vocês escravidão, lastimas, ódio, e  
escuridão  
A esposa não receberá seu marido*

---

(ῥωμῆν εἴσεσαι σὺν ἡκατῶν βασιλεῶν Ἀτιόκων, ἐφ' ) %- xphmata meh eisoisei kai\ xwraj tinoj aposthsetai”.

<sup>65</sup> Oráculo V, em verso. Esse oráculo é dividido em duas partes. A primeira se refere ao grupo de estátuas em Siracusa que representa o deus-sol Hélios em sua carruagem guiando os cavalos. A segunda parte do oráculo descreve os infortúnios que Roma iria sofrer com a guerra em seu próprio território.

<sup>66</sup> Hansen, op.cit. pp.108-110. Hansen afirma que o nome dado aos “cavalos de Nesaian” era por causa da planície de Nesaian na terra dos medos. Eles eram cavalos famosos na Antigüidade e muito apreciados. Dizia-se que os criadores desses cavalos os dedicavam a deus sol Hélios.

<sup>67</sup> O deus-sol Hélios.



*Que retorna da guerra, mas o Hades coberto de preto  
abaixo da terra  
Ir segur-lo entre os falecidos juntamente com as  
crianas roubadas de suas mes,  
E um Ares<sup>68</sup> estrangeiro ir impor o dia da  
escravido.<sup>69</sup>*

Publius, aps dizer tais coisas, ficou em silncio,  
saiu do acampamento romano e subiu em um carvalho onde  
profetizou<sup>70</sup>, em prosa, como seria sua prpria morte.

*Romanos e outros soldados, foi destinado a mim morrer  
e ser devorado por um grande lobo vermelho ainda  
nestes dias, mas, para que vocs saibam que tudo o  
que tenho dito ocorrer com vocs: peguem a iminente  
aparico da besta e minha prpria destruio como  
prova que eu falei como intimao divina<sup>71</sup>.*

Ao descer da rvore, ocorreu o que ele acabara de  
profetizar: o lobo aproximou-se do general e o devorou,  
deixando somente sua cabea intacta. Os soldados  
aproximaram-se para fazer um funeral adequado. Entretanto,  
a cabea, que estava no cho, proclamou um ltimo  
orculo<sup>72</sup>, em versos, anunciando novas desgraas que viriam  
sobre Roma.

*No toquem minha cabea. Pois isso no  correto  
[segurar uma sagrada cabea]*

<sup>68</sup> Hansen, op.cit. p.110. Ares  uma metfora comum para guerra, batalha ou massacre.

<sup>69</sup> Phlegon F36. “hika Nhsaiei xruspukej pgetai ippoi bwsin epilxqoha diaa, eh prol ipotej eedrhn [...] xpuseon, e d uton pasin (Uperibnoj uih hfmosen atiessi kailonmasi mapmaironta - kail to/te soi/ Rwmh, xal ep ) gea pahta tel eitai hhei gar stratoj eupuj, osou xqoha pasan o) esei, xhrwsei d )goraj, asth del te purpoLa qhsei, aimati del plsei poramouj, plseo del kail )aidhn, doul osuhhn t )iktrh, stugerh, atekmarton efhser. Oude gynh p sin o/ g )podketai ek pol emoi nosthSant ) )ihj del kataxqohioj, mel aneimwn e:ei e)il fqimehoisin omou-tekna mhtpoj apouraj, )rhj del a) l odapoj periqsei doul ion hnar”.

<sup>70</sup> Orculo VI, em prosa.

<sup>71</sup> Id. ibid. “enoilmeh. wndrej Rwmaiei kailoi( logipoistratiwtai, kaqhkei tel euth/santi upo/ l ukou purrou-eumegeqouj katabrwqnai, e t-shmeron hmer, umeij del tarhqehta upo emou-ginwskete sumbhsmena uni pahta, tekmhribij xrwmenoi t-nun esomeh epifanei tou-qnpibu te kail t-eh- a)hresei, oti a) hq-eihka ek tinovj qeiaj upodeicewj”.

<sup>72</sup> Orculo VI, em verso.



Para aqueles em quem os corações, Atena plantou feroz ódio. Mas parem!  
E escutem a profecia pelos meios pelos quais eu deverei declarar a verdade a vocês.  
A esta terra virá o grande e poderoso Ares,  
Que irá despachar o homens armados para o Hades nas trevas do submundo e  
Romperá as torres de pedra e as longas muralhas.  
Tomando suas riquezas, suas crianças e suas esposas  
Ele irá levá-los para a Ásia, atravessando por entre as ondas<sup>73</sup>.

Os cinco oráculos que estão em verso (o de Bouplagos, o de Delfos, e os três de Publius) apresentam claramente conteúdos anti-romanos com descrições das desgraças que ocorreriam a Roma. Versos semelhantes são encontrados em textos por todo o Oriente Próximo, mas caracterizados por estarem num contexto de resistência cultural frente a um povo dominador.

A citação de um rei que vem do Sol, ou da Ásia, para vingar a Ásia das desgraças que os europeus à mesma - primeiramente os gregos e posteriormente os romanos - é freqüentemente encontrada em textos de cunho religioso. Os pesquisadores modernos denominam esse complexo mítico de tema do Rei vindo do Sol.

Textos como *Bahman Yašt* (persa), *Apocalipse de João* (Ásia Menor), *Oráculo do oleiro*<sup>74</sup> (Egito), *Oráculos sibilinos*<sup>75</sup> (autoria variada) possuem versos que

---

<sup>73</sup> Id. ibid. “mh\yau=h\meterhj kefal hj. ou) gar qemij e\stin, oi\sin \aqhnai\ xol on a\grion e\h fresil qhken, aptesqai qeibio kaph\astoj. a) l alpepairo mantosunhn t )epakouson, a) hqea \$per e\w-soi. h\cei gar xqo\ha th\de pol uj kai\kartero\j \Arej, o\j l aoh mehn e\hopl on upol skoton \Ai\pi pemyei, r\hzeo d ) au\l qihouj pupgouj kai\ teikea makra/ o\j bon de\l mh\meteron kai\ nh\pia tekn ) a) okouj te ma\ryaj eij \Asihn \h\kei dial kuma per\hsaj. Tau\ta/ soi ei\rhken nh\mete\h Foiboj \Apol lwn Pu\qioj, o\j moi e\bn krateroh qerapont e\pipemyaj h\gagen eij maka\wn te do\mouj kai\l Persefoneihj”.

<sup>74</sup> O *Oráculo do oleiro* é encontrado em três papiros: no papiro Graf (do séc. II d.C.); no papiro Rainer (do séc. III d.C.); e no papiro de Oxyrhynchus 2332 (do séc. III d.C.). Apesar de ser encontrado em três papiros, todos escritos em grego, estes não estão em um bom estado de conservação apresentando diversas muitas lacunas.

<sup>75</sup> Eles formam um conjunto de 14 livros. A sua autoria é compósita e de difícil, se não impossível, identificação, assim como a região de que provém cada um desses livros, e sua datação. Apesar de serem livros



caracterizam o mito do “Rei vindo do Sol”. Em Phlegon, ao contrário desses, os versos aparecem dentro de uma narrativa não-religiosa e onde quem os proclama é um dominador, um general romano.

A origem do mito do Rei vindo do Sol não pode ser entendido fora de um contexto de resistência cultural, já que este pressupõe a vingança de um rei nativo, ou mesmo de um deus local, sobre o povo dominador.

A expectativa de restauração do Oriente frente a uma força estrangeira ocidental ganhou força após as conquistas de Alexandre, o Grande (336-323 a.C.). O Oriente Próximo sofreu grande impacto com a invasão militar depois das conquistas macedônicas: as esferas política e religiosa foram as mais prejudicadas, já que eram indissociáveis na região. A invasão dos gregos afetou não somente a realidade da elite local, mas todo o cotidiano da população. Para as populações que habitam no Crescente fértil<sup>76</sup> os deuses não eram os mesmos dos gregos, porém eram em geral de fácil sincretização.

O rei ou o faraó eram representantes diretos dos deuses. Eles possuíam a responsabilidade de manter o cosmos frente ao caos<sup>77</sup>. A manutenção política do soberano estava diretamente ligada à manutenção cósmica do mundo.

As religiões da Mesopotâmia e do Egito eram regidas pela crença de que os rituais religiosos eram feitos para que os deuses pudessem manter o caos sob controle. Essa manutenção do cosmos era cíclica e periódica.

---

com conteúdos diferenciados todos eles são pseudônimos - a autora dos livros seria a sibila, uma figura feminina mítica pagã, sempre associada à prática oracular e profética. Esses livros apresentam características de autores judeus, cristãos e pagãos.

<sup>76</sup> Egito e Mesopotâmia.

<sup>77</sup> Norman Cohn. *Cosmos, caos e o mundo que virá: As origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp.25-31.



Com o zoroastrismo uma nova forma de ver a organização do mundo surgiu<sup>78</sup>. O dualismo entre o “Bem” e o “Mal” seria um dia solucionado com a vitória definitiva do Bem. Ao homem cabia a decisão de escolher de que lado ficaria: *asha* (justiça e verdade) ou *druj* (falsidade e mentira)<sup>79</sup>. Ele seria um agente ativo nessa batalha diária, entretanto, independente do que cada homem fizesse o fim já estaria definido. O rei persa, no caso, continuava a ter um papel fundamental para a manutenção do cosmo e agora essencial para a vitória do Bem, pois era representante direto de Ahura Mazda, divindade suprema no panteão persa.

Com a conquista dos gregos, a realidade política da realeza nessas populações foi modificada, pois não era mais um monarca oriental que governava essas populações. A questão não era a dominação estrangeira em si, mas a ruptura mítica ocorrida quanto ao papel do rei, que deveria continuar no poder para assegurar a manutenção do cosmos. Os gregos, ao quebrarem o funcionamento mítico das dinastias, se tornaram para as populações dominadas um grande perigo, pois estavam colocando em risco todo o cosmos<sup>80</sup>.

A partir desse momento a expectativa messiânica, já existente em algumas religiões, ganha uma nova forma. O messias, em suas diferentes variedades, viriam não só para re-estabelecer o cosmos, mas também para combater o caos representado pelos estrangeiros, inicialmente os gregos (posteriormente os romanos) e vencê-los definitivamente. As populações nativas começaram a nutrir a expectativa de que

---

<sup>78</sup> Id. *ibid.* pp.156-157.

<sup>79</sup> Id. *ibid.* pp.127-128.

<sup>80</sup> Samuel K. Eddy. *The King is Dead: Studies in the near Eastern Resistance to Hellenism, 334-31 B. C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961. p.324.



os deuses enviariam um salvador e os livrariam de toda a opressão estrangeira.

Na literatura apocalíptica a figura messiânica aparece com freqüência, como aquela que estabeleceria o reino divino. Um representante de deus ou o próprio deus viria para fazer com que o cosmos fosse estabelecido definitivamente enquanto o caos seria destruído, também em definitivo permanentemente. Os povos opressores seriam também destruídos e varridos da terra.

*No tempo desses reis o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará outro povo. Esmagará e aniquilará os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre<sup>81</sup>.*

Basicamente há duas categorias de messias, construídas pelos historiadores para fins acadêmicos: o transcendental e o davídico. O primeiro seria o filho de um deus, ou mesmo o próprio deus que desceria, de forma sobrenatural na terra para libertar, julgar e governar a terra. No segundo caso seria um homem escolhido por Deus, com um grande poderio militar e político e traria a libertação ao povo escolhido e governaria a terra. Em ambos havia há a expectativa da re-estruturação da ordem e da justiça, elas divergem entre si se divergem na forma como ocorreriam<sup>82</sup>.

*E então o Deus altíssimo enviará um rei e irá julgar cada homem em sangue e no brilho do fogo. Haverá uma certa tribo real daqueles que nunca tropeçarão. Este também, no tempo prosseguirá o curso cíclico, irá reinar e começará a erguer o novo templo de Deus. Todos os reis da Pérsia irão trazer seus auxílios de ouro e bronze e ferro bem-trabalhado. Pois Deus, ele*

---

<sup>81</sup> Dn 2.44.

<sup>82</sup> David E. Aune. *Prophecy in early Christianity and the ancient Mediterranean world*. Michigan: Grand Rapids, 1989. pp.122-123.



*mesmo dará um sonho santo à noite e certamente o templo irá ser como era antes*<sup>83</sup>.

O messias esperado assume determinadas características de cada cultura. Nos textos persas ele é visto o vencedor final dessa luta dualista, da qual o zoroastrismo está repleto.

*Quando Astvat-ereta*<sup>84</sup> *emergir do Lago Kasaoya*<sup>85</sup>, *o mensageiro do Sábio Senhor, filho de Vispa-taurvairi*<sup>86</sup>, *brandindo sua vitoriosa arma que o Príncipe Vishtaspa*<sup>87</sup> *forjou quando enfrentou as tropas dos inimigos da verdade: Com esta arma ele expulsará o Engano do mundo da Verdade. Ele encarará com olhos perceptivos. Ele olhará para todas as criaturas. As que pertencerem a uma origem má, ele atacará. Ele encarará toda a vida corpórea com olhos que transmitem força, e seu olhar irá redimir o mundo corpóreo inteiro incorruptível*<sup>88</sup>.

Esta divisão é apenas didática e certamente apresenta problemas, pois inúmeras vezes não é clara a distinção, os papéis se misturam. Para os egípcios, por exemplo, a figura do faraó seria restaurada e com ela *ma'at*<sup>89</sup>, o rei enviado por Isís re-estabeleceria o cosmos. Este rei governaria por 55 anos. Esse elemento nos faz imaginar um homem de vida comum e não um deus; entretanto há a crença de que ele traria a ressurreição dos mortos. Há elementos dos dois tipos de messias nesses fragmentos, dificultando a classificação.

*Quando o rei que governará por cinqüenta e cinco anos dando liberdade, o provedor de coisas boas, deverá aparecer vindo do Sol, estabelecido pela grande deusa Ísis, então aqueles que sobreviverem irão orar e aqueles*

---

<sup>83</sup> OrSib 3.286-94

<sup>84</sup> Referência ao *Saoshyant*. O representante de Ahura Mazda que nasceria de uma virgem e seria responsável pelo re-estabelecimento do cosmos.

<sup>85</sup> O nome do lago onde foi guardada a semente de Zoroastro.

<sup>86</sup> A virgem que se banhará no lago e conceberá o *Saoshyant*.

<sup>87</sup> Rei mítico que teria governado a Pérsia na época de Zoroastro.

<sup>88</sup> *Yasht* 19.92-94. Os *Yashts* são hinos de louvor dedicados à divindades pré-zoroastrianas encontrados no *Avesta*.

<sup>89</sup> O princípio de ordem, ou do cosmo para os egípcios era chamado de *ma'at*. De forma semelhante à *asha* no zoroastrismo.



*que morreram irão se levantar para compartilhar as coisas boas*<sup>90</sup>.

Os cristãos crêem em Jesus como o messias. Em algumas passagens do Novo Testamento seus discípulos esperavam que Jesus restaurasse e libertasse politicamente o seu povo, numa expectativa davídica.

*Estando, pois, reunidos, eles assim o interrogaram: Senhor é agora o tempo em que irás restaurar a realeza em Israel? E ele respondeu-lhes: Não compete a vós conhecer os tempos e momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade*<sup>91</sup>.

Há momentos, entretanto em que os seus discípulos esperam que o Cristo desça dos céus de forma sobrenatural.

*Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu*<sup>92</sup>.

Os textos acima ilustram a expectativa da vinda de um rei, ou Messias que viria restaurar o cosmos e salvar o povo escolhido. Na literatura apocalíptica variantes dessa expectativa messiânica se misturaram com outra expectativa que havia entre os povos orientais o que os estudiosos da área denominam o tema da vingança da Ásia contra a Europa. No *Apocalipse de João* não há uma citação literal à cidade de Roma, entretanto relata-se que ela sofrera o dobro de todo o sofrimento que causou<sup>93</sup>:

---

<sup>90</sup> *Oráculo do oleiro*. Papiro de Rainer: Coluna II versos 5-10. O papiro de Reine também é chamado de Papiro R.

<sup>91</sup> At 1.6.

<sup>92</sup> Mt 14.30.

<sup>93</sup> Christopher Rowland. *The Open Heaven*. London: SPCK, 1992. pp.404-441.



*Devolvei-lhe o mesmo que ela pagou,  
pagai-lhe o dobro, conforme suas obras;  
no cálice em que ela misturou  
misturai para ela o dobro.  
O tanto que ela se concedia em glória e luxo  
devolvei-lhe em tormento e luto,  
porque em seu coração dizia:  
Estou sentada como rainha, não sou viúva e nunca  
experimentei luto [...]  
Por isso suas pragas virão num só dia?  
morte, luto e fome,  
e pelo fogo será devorada,  
porque o Senhor Deus que a julgou é forte<sup>94</sup>.*

Nos *Oráculos sibilinos* há uma explícita referência a Roma e a Ásia. Fala-se que a população romana sofrerá inúmeras vezes tudo o que o povo asiático sofreu sob o domínio dos romanos.

*Da mesma forma que Roma recebeu muita riqueza do  
tributo da Ásia,  
Ásia receberá três vezes esse tanto novamente  
de Roma e pagará outra vez a ela [Ásia] sua arrogância  
mortal feita contra ela.  
Da mesma forma o número [de pessoas] da Ásia que  
serviram as casas dos italianos,  
vinte vezes mais o número de italianos serão servos  
na Ásia, em miséria, e eles deverão pagar mil vezes  
mais<sup>95</sup>.*

O rei vindo do Sol ou da Ásia seria aquele que restauraria o cosmo, libertaria o povo, traria a destruição dos povos opressores e a vingança tão desejada pelos oprimidos. O sincretismo religioso ocorrido no período helenístico contribuiu para que elementos de várias culturas formassem tais mitos. Cada região absorveu a expectativa de acordo com sua religião e cultura própria.

---

<sup>94</sup> Ap 18.4-8.

<sup>95</sup> OrSib 3.350-355.



Os OrSib 3 que provavelmente são de autoria egípcia, apresentam elementos típicos daquela região<sup>96</sup>.

*E então Deus enviará o Rei vindo do Sol  
quem parará toda a terra da guerra maligna,  
matará alguns, impondo juramentos de lealdade em  
outros;  
e ele não fará tais coisas seguindo seus próprios  
planos,  
mas em obediência aos nobres ensinamentos do grande  
Deus<sup>97</sup>.*

Assim como seções dos OrSib 5:

*E então um certo rei enviado de Deus contra ele  
destruirá todos os grandes reis e homens nobres  
E haverá um julgamento aos homens pelo  
Incorruptível<sup>98</sup>.*

Há uma dificuldade de encontrar a datação e a proveniência desses textos pelo profundo grau de sincretismo e misturas de elementos culturais que ocorriam em dado momento. Cada passagem apresenta uma característica diferenciada do escolhido ou de como ocorreria a vingança. Essa variação dava-se de acordo com a cultura de cada povo. Entretanto todos estes textos possuem certas características em comum.

Todas as passagens encontram-se inseridas num contexto religioso, ou seja, todas orientam-se em torno de uma experiência visionária, mítica<sup>99</sup> ou preocupam-se com

---

<sup>96</sup> John J. Collins. *The apocalyptic Imagination*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998. pp.118-122.

<sup>97</sup> OrSib 3.652-656.

<sup>98</sup> OrSib 5.108-110.

<sup>99</sup> Anders Hultgård. Ecstasy and vision in: Nils Holm (ed.). *Religious Ecstasy. Based on Papers read at the Symposium on Religious Ecstasy held at Abo, Finland, on the 26<sup>th</sup>-28<sup>th</sup> of August 1981*. Stockholm: Almqvist & Wilsell International, 1982. pp.218-225. Não cabe aqui o julgamento da veracidade da experiência visionária, se era uma experiência genuína ou como uma convenção literária. Cabe analisar como tais experiências eram recebidas pela população local.



exortações éticas e morais. Estes textos foram escritos a partir do ponto de vista de um nativo inserido num governo dominado por estrangeiros. Os autores desses textos expressavam claramente a insatisfação de serem dominados pelo estrangeiro ao mesmo tempo ímpio e opressor.

Não há consenso entre os historiadores, entretanto há aqueles que defendem que grande parte desses textos não pretendia suscitar ou incentivar revoltas armadas, mas pelo contrário, colocavam a solução definitiva do conflito numa esperança futura de redenção, na vinda de um salvador, ou de uma vingança organizada e executada pelos deuses e não pelos homens. A resistência cultural encontrada em grande parte desses textos religiosos, na maioria das vezes, não era militante.

Essas obras em grande medida utilizam o recurso da pseudoepigrafia, ou seja, os textos redigidos de forma que sua autoria fosse atribuída a personagens importantes para a cultura em questão, por exemplo, o *Bahman Yašt* como de autoria de Zoroastro. Esse recurso daria credibilidade ao texto e autenticidade ao conteúdo.

Nos *Oráculos sibilinos* a personagem utilizada pelos judeus e cristãos é uma figura pagã. Aparentemente é estranho para um judeu dar credibilidade à algo que vinha da Sibila e não de Moisés ou Enoch. Entretanto, a sibila fora utilizada com propósitos propagandísticos. Até mesmo uma figura pagã estaria falando aquilo que foi anunciado pelos patriarcas: Deus enviará um messias e salvará o povo escolhido, julgará as nações e estabelecerá um reino eterno. O personagem não era escolhido aleatoriamente. Caso fosse um texto de conteúdo apocalíptico, provavelmente Enoch ou Daniel seriam escolhidos; se fosse um texto de cunho legalista, Moisés seria a melhor opção; enquanto para um texto sapiencial Salomão era o mais lógico. Na escolha



da pseudo-autoria as características de cada personagem eram levadas em alta consideração.

Os textos sagrados, de certa forma, ganhariam mais credibilidade, pois estariam sendo reconhecidos por alguém da cultura estrangeira e dominadora. Essa credibilidade não seria importante ao fiel, pois este não necessita reforçar suas crenças, mas sim uma tentativa de defender sua fé frente ao estrangeiro.

Portanto os povos do Oriente que haviam sido dominados por Roma, ou anteriormente pelos gregos, expressavam, em parte, seu ressentimento ao estrangeiro através de oráculos religiosos. Estes povos possuíam uma preocupação real com a manutenção do cosmos através da liderança política e religiosa de um rei que deveria representar o deus local.

Permanecia vivo na mentalidade daqueles povos conquistados um desejo de restauração do reino nativo. A expectativa da restauração através de um rei enviado pelos deuses ganhava forma e crescia por todo o Oriente.

Entretanto, tal expectativa de um rei restaurador da ordem legitimado pelos deuses não permaneceu somente no Oriente. Ela passou por diversas modificações e adaptações chegando até mesmo aos povos dominadores, os romanos. Nesse caso não mais seriam os romanos que deveriam ser combatidos, mas sim os orientais, numa “inversão de polaridade”. Apesar de haver a inversão, o conflito permanece inerente ao complexo mítico assim como a expectativa de um rei que viria do Oriente.

O historiador Flávio Josefo (séc. II d.C.), por exemplo, apresentou a imagem de Vespasiano como um representante de Deus, fazendo uma inversão deste complexo mítico do Rei vindo do Sol. O historiador judeu, um dos comandantes da resistência judaica, após ser derrotado em





Josefo, sendo judeu, afirmou que os desígnios de Deus estariam a partir daquele momento a favor de Roma. Seguindo essa lógica ele defende o seu apoio dado aos romanos, já estaria agindo como ministro de Deus e não como um traidor, o que como afirmavam seus compatriotas.

Oráculos de um “rei vindo do Oriente” que exigem interpretação não estão somente em obras ocidentais que se posicionaram a favor de Roma, mas também se fazem nos escritos de Suetônio<sup>102</sup> e Tácito<sup>103</sup>, historiadores romanos. Na obra desses três historiadores há uma clara inversão do complexo mítico.

Os oráculos citados por esses três autores possuem uma característica em comum: não mais proferem a destruição de Roma por um rei nativo, mas sim proclamam que o rei escolhido pelos deuses seria um romano, vindo do oriente. Vespasiano seria esse rei por ter sido proclamado imperador no Oriente e ter acabado com o caos que então havia em Roma, a guerra civil gerada na sucessão do trono de Nero.

Há assim, oráculos com características do rei vindo do Sol que são encontrados em textos escritos por romanos ou por nativos pró-romanos. Os elementos estruturais desse mito foram preservados, mas com uma inversão de valores.

Os oráculos do Oriente, que pretendiam a devolução do governo às mãos de um rei nativo se encontravam num contexto religioso, enquanto os textos pró-romanos possuíam uma vertente política. Os oráculos, em ambos os casos, são usados seguindo propósitos mais ou menos definidos. Os primeiros pretendendo a restauração do cosmos por um rei nativo - textos de cunho religioso - enquanto os segundos

---

δunatoh anqrwpois tolxpewh diafugeiv outelapoorwmehoij. Oi(de)kailtwh shneíwn a(melou) te a( wbosei thj patriðoj kailt%-sfw\_n au)twñ o)l.eqpo% dihl egxqhsan thh a)hoian”.

<sup>102</sup> Suetônio. *Vida de Vespasiano*. 7.

<sup>103</sup> Tácito. *História*. 4.82



desejavam legitimizar o trono de um imperador que usurpara o trono - textos historiográficos.

Os oráculos presentes na história de Publius não podem ser analisados sem levar em conta o contexto sincrético no qual foram recolhidos ou compostos, assim como a intenção dos textos encontrados na obra de Phlegon formarem-se de enredos inteiramente diferentes dos demais casos supracitados.

O conteúdo dos oráculos anti-romanos em Phlegon é provavelmente proveniente das fontes orientais, pelo seu conteúdo anti-romano. A presença de versos que descrevem a vingança da Ásia contra a Europa é semelhante às encontradas por todo o Oriente Próximo. Os oráculos em verso utilizados na história de Publius parecem ter sido apropriados por um autor que desejava externar em seu texto um sentimento de vingança a Roma.

No “Oráculo I” é anunciado o fim do governo dos romanos através da invasão de uma tribo de homens com valentes corações onde Roma pagaria por tudo o que havia feito. O “Oráculo II” prevê mais desgraças a Roma. A deusa Atena enviaria uma grande devastação aos romanos e destruiria seus mercados. Estes dois oráculos formam juntamente com os Oráculos III, V e VII, um conjunto de acontecimentos tenebrosos para Roma.

O “Oráculo” III profetiza o surgimento de um rei que avançaria contra Roma, junto com tropas vindas da Ásia. Em determinado momento ele reuniria um grande exército com contingentes tanto da Ásia quanto da Europa para avançar contra Roma. Ao contrário dos textos encontrados no Oriente, esse oráculo possui dois novos elementos. 1. Não seria apenas um povo que prevaleceria e sim a união de vários povos; 2. Haveria contingentes militares da própria Europa e não somente da Ásia.



McGing defende que o enredo dessa história foi composto durante as Guerras Mitridáticas<sup>104</sup>. O rei Mitrídates VI<sup>105</sup> utilizara da propaganda na expectativa de unificar sobre seu controle as cidades gregas e as cidades da região iraniana contra o Império Romano. O rei de Ponto utilizou a imagem mítica do Pégaso na tentativa legitimar essa união. Entre os recursos utilizados por Mitrídates como propaganda anti-romana encontrava-se alguns dos oráculos anti-romanos supracitados nesse capítulo<sup>106</sup>.

O “Oráculo III”, ao citar a destruição de Roma a partir da união de povos da Ásia e da Europa sob a liderança de um rei, encaixa-se no contexto desejado pelo rei Mitrídates. Apesar de ser difícil a datação do enredo da história, McGing acredita que ela foi elaborada pouco depois do fim dos conflitos, possivelmente durante a guerra entre o rei Mitrídates e Roma.

O Oráculo V a figura do rei vindo da Ásia não aparece. Porém, no último verso há uma referência ao Ares estrangeiro, ou seja, a predição de uma devastação estrangeira, que iria impor o dia da escravidão para Roma. Há um paralelo entre os Oráculos III e V: o rei vindo da Ásia viria acabar com os dias de liberdade dos romanos. Seria esse rei o responsável pela “destruição” estrangeira, referida nos Oráculos III e V, que traria o fim da liberdade aos romanos?

Ainda no Oráculo V é citado o deus-sol, Hélios. A narrativa não correlaciona diretamente o rei da Ásia com o deus-Sol. Há exemplos, entretanto, da utilização de

---

<sup>104</sup> Conjunto de três guerras travadas entre Roma e o rei Mitrídates VI, o Grande, durante o séc. I a.C..

<sup>105</sup> Rei da região de Pontos (120-63 d.C.), norte da Anatólia. Foi considerado um dos maiores inimigos de Roma. Lutou contra os generais: Silas, Lúculo e Pompeu.

<sup>106</sup> Brian McGing. *The Foreign Policy of Mithridates VI Eupator, King of Pontus*. Leiden: Brill Academic Publishers, 1986. pp90-108.



oráculos em que há uma estreita proximidade entre o rei que vem do Sol e o próprio deus-Sol. É o que ocorre, por exemplo, no *Oráculo do oleiro*, de proveniência egípcia<sup>107</sup>.

Por fim, o Oráculo VII apesar do rei novamente não aparecer citado nos versos, a Ásia seria o local para onde as riquezas, as crianças e as mulheres<sup>108</sup> dos romanos seriam levadas após a devastação. Esse oráculo ilustra um tema muito freqüente nas guerras antigas. Na Antigüidade era muito comum a prática de levar as mulheres, crianças e riquezas dos povos dominados como recompensas de guerra. Mesmo sendo uma prática comum, para os povos conquistados o impacto desse ato era ressentido por décadas, às vezes por séculos.

Nesses versos o sentimento de vingança aparece claramente. O exército asiático levaria as mulheres, crianças e riquezas de Roma para Ásia como forma de se vingar dos romanos.

No Oráculo IV, há uma descrição da devastação sofrida por um povo celta que habitava na Ásia Menor. Suas mulheres, crianças e riquezas foram levadas para Roma<sup>109</sup>. Um possível paralelo pode ser formado entre os Oráculos IV e VII. No entanto num oráculo são os dominados que sofreram a ação dos romanos e no outro os dominadores receberiam a retaliação dos asiáticos.

Os cinco oráculos em versos mostram-se compatíveis com o mito da vingança da Ásia contra Roma<sup>110</sup>, do qual o mito do Rei vindo do Sol é uma de suas variantes.

Há uma grande dificuldade em identificar as fontes utilizadas por Phlegon para narrar suas histórias. Várias

---

<sup>107</sup> Collins, *op.cit.* pp.118-125.

<sup>108</sup> OrSib 3.350-355

<sup>109</sup> O tempo verbal aqui foi usado no pretérito perfeito, por estar se referindo a profecia *ex-eventu*, ou seja a devastação descrita no oráculo de fato ocorreu.

<sup>110</sup> Ap 18.4-8; OrSib 3.350-355; 4.145-148.



delas não passam de pequenas citações, enquanto outras são apenas narrativas.

Hansen acredita que a narrativa de Publius encontrada na obra de Phlegon é compósita<sup>111</sup>. A primeira evidência é a diferenciação dos oráculos em prosa e em verso. Os oráculos em verso, em sua totalidade, possuem conteúdo anti-romano, enquanto o Oráculo IV possui um caráter pró-romano. Esse último oráculo tanto no conteúdo, quanto na forma não estaria em coesão com o corpo do texto.

A segunda evidência é constituída pelos conteúdos dos próprios oráculos em verso. Apesar de todos se referirem ao mesmo assunto, eles provavelmente não foram produzidos em primeira mão para a narrativa de Phlegon. É mais provável que sejam compilações de outras fontes.

O descompasso entre os Oráculos I e III é um exemplo. No primeiro, uma tribo seria responsável pelo fim do governo romano, enquanto no terceiro afirma-se que a destruição de Roma seria causada por um exército formado pela aliança de diversos povos. Possivelmente esses oráculos não foram produzidos pelo mesmo autor.

A semelhança e proximidade dos conteúdos encontrados neles demonstram, entretanto uma mínima pesquisa de um único autor, que reuniria os oráculos na narrativa. O autor teria agrupado uma série de oráculos semelhantes para um determinado fim.

O Oráculo VI, apesar de não possuir as mesmas características anti-romanas das demais, pode auxiliar a encontrar novas informações sobre a história de Publius. No Oráculo VI, a descrição da morte de Publius possui elementos culturais bem definidos em histórias indo-européias.

---

<sup>111</sup> Hansen, op.cit. pp.107-108.



Phlegon de Tralles não mostra interesse em escrever uma história anti-romana, ou com conteúdo anti-romano. A intenção do autor em registrar a história de Publius em *Sobre as maravilhas* seria a de reuni-la a outros acontecimentos bizarros ocorridos no território romano.

No gênero da paradoxografia, os relatos são reunidos na obra seguindo um padrão escolhido pelo autor. Nesse caso a história de Publius está inserida na categoria de histórias de fantasmas. Os eventos ocorridos após as mortes dos generais e o oráculo proferido por uma cabeça decepada foram as razões primordiais para a inserção desse relato na obra, entretanto a origem dessa história não aparenta ser somente uma simples história de fantasmas ou mortos que voltam à vida. No capítulo seguinte será analisada esta questão.

A obra de Phlegon não mostra caráter religioso, nem busca exortar a moral ou a ética, muito menos fora elaborada para dar esperança a uma determinada população quanto a uma redenção futura, ou do restabelecimento da manutenção do cosmos. No fim, o público alvo da obra de Phlegon certamente não eram os povos dominados por Roma, mas sim os próprios romanos.

Existe a possibilidade de Phlegon nunca ter se dado conta do conteúdo anti-romano presente no texto e não se pode afirmar que ele tivesse tais perspectivas religiosas e culturais supracitadas. Entretanto todos esses elementos são encontrados no terceiro capítulo da obra *Sobre as maravilhas*.

Poderíamos, entretanto, falar que a história de Publius na sua origem foi elaborada com a intenção de expressar ressentimento dos dominados contra Roma? Ou teria sido uma forma de algum povo específico expressar sua forma de resistência cultural frente à dominação romana?



### **CAPÍTULO 3 - A MORTE DE PUBLIUS, UMA HISTÓRIA INDO-EUROPÉIA?**

No primeiro capítulo, mostrei o contexto histórico em que narrativa do general Publius situa-se nos anos em que Roma ainda era uma república e se encontrava em plena expansão militar. Os romanos haviam vencido o temível exército de Aníbal e tomado sua capital, Cartago. Roma avançou para o oeste para vencer Antíoco III, aliado de Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica. Os romanos se vangloriavam de suas conquistas e não encontravam outro inimigo que pudesse ameaçar Roma como a derrotada Cartago havia feito.

No segundo capítulo desta monografia, analisei os oráculos da terceira narrativa de *Sobre as maravilhas* de Phlegon. Mostrei que os versos proclamados, tanto por Bouplagos e pelo oráculo de Delfos quanto aqueles proferidos por Publius, são anti-romanos e mostram influência de oráculos orientais.

Os oráculos encontrados nesse texto de Phlegon apresentam características, como vimos no capítulo anterior, do mito do rei vindo do Sol, apresentando, porém, características bem distintas: os oráculos proferidos pelo romano Publius anunciam a destruição de sua própria nação. As desgraças destinadas a Roma eram proferidas ou anunciadas nos outros textos por um nativo dominado: como um romano do mais alto estirpe poderia estar proclamando desgraças para a sua própria terra?

A análise da descrição da morte de Publius pode auxiliar a compreender os oráculos proferidos pelo general romano contra seu povo. A destruição e a morte do general



Publius, segundo as suas próprias palavras, deveriam ser provas que ele falava inspirado pelos deuses e que os oráculos profetizados por ele de fato ocorreriam.

Os elementos encontrados na descrição da morte do general são símbolos encontrados em outras histórias de povos indo-europeus, como por exemplo: árvores, cores ou personagens com simbolismos associados ao mundo dos mortos; a importância da cabeça decepada, tida como sagrada; o fato de tais cabeças continuarem falando, cantando ou proclamando oráculos e a edificação de templos ou torres em lugares onde foram enterradas ou encontradas cabeças decepadas.

A história de Publius não é única narrativa de cabeça decepada que profere oráculos na obra de Phlegon de Tralles. Policratos, grego, fora escolhido para ser etnarca da Etólia. Ele tendo tomado uma mulher locriana para ser sua esposa, morreu no quarto dia como marido. Sua mulher, nos meses seguintes, deu a luz a um bebê que possuía tanto a genitália masculina como feminina. Foi então convocada na cidade uma assembléia para definir o destino da criança e a decisão tomada foi levá-la para fora da cidade para queimá-la. Entretanto, Policratos reapareceu na assembléia como um fantasma. Ele tentou convencer a assembléia a mudar de decisão; como, suas palavras não os convencem, ele pegou a criança e começou a devorá-la, deixando somente a cabeça. Policratos, após comer o corpo de seu filho, desapareceu. A cabeça do bebê proferiu oráculos de forma semelhante à de Publius. Os oráculos do bebê falam das desgraças que ocorreriam da união de povos de duas regiões da Grécia e rivais entre si<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> Phlegon F36.



Podemos afirmar com certa segurança que ambas as histórias de cabeças decepadas encontradas em Phlegon de Tralles possuem uma origem comum.

Em suma, em ambas as histórias de Phlegon observa-se:

1. Presença de símbolos que representam o mundo dos mortos
2. Os corpos daqueles que irão profetizar são devorados;
3. Somente a cabeça não é devorada;
4. A cabeça sem o corpo profere oráculos;
5. Todas acontecem na mesma região da Grécia, a Etólia.

Publius sobe num carvalho para profetizar a sua própria morte. Por que a referência a um carvalho e não outra árvore? Pode ser um detalhe sem importância; entretanto, o carvalho possui um significado muito definido na cultura celta. Plínio, apresenta o significado do carvalho para os celtas:

*Dentro dessa ocasião não podemos omitir a menção da admiração que é dada a essa planta pelos gauleses. Os druidas (que é o nome que eles dão aos seus mágicos) não consideram nada mais sagrado do que essa planta e a árvore em que ela cresce, como se ela crescesse somente em carvalhos. Eles adoram apenas em bosques de carvalhos e não realizarão ritos sagrados a menos que um ramo dessa árvore esteja presente. É muito provável que os próprios sacerdotes receberam seus nomes a partir do nome grego desta árvore. E, de fato, eles pensam que tudo que cresce num carvalho é imediatamente enviado do céu e é um sinal de que a árvore fora escolhida pelo próprio deus como um objeto de seu especial prazer<sup>113</sup>.*

O carvalho, na cultura celta, está ligado a ao submundo; ele serve como um elo ao mundo dos mortos<sup>114</sup>. O carvalho, como ilustra a passagem de Plínio, é extremamente estimado pelos celtas e tal admiração foi observada pelos

---

<sup>113</sup> Plínio. *História Natural*. 16.95.

<sup>114</sup> John A. MacCulloch. *The Religion of the Ancient Celts*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1911.



demais povos, como os romanos. Além do carvalho, a cor vermelha do lobo, segundo Hansen, também está associada ao reino dos mortos nos povos indo-europeus<sup>115</sup>. A referência ao mundo dos mortos não aparece tão explicitamente na história do general romano como no caso do “pai fantasma” da história do bebê. A criança foi devorada por um fantasma. O pai que retorna ao mundo dos vivos meses após sua morte já está no mundo dos mortos.

O herói Brân<sup>116</sup> na mitologia céltica está associado às viagens para o mundo dos mortos<sup>117</sup> e possui uma história semelhante à de Publius. Brân, após ter sido atingido por uma flecha envenenada, ordenou aos seus homens que cortassem a sua cabeça. Após ser decapitado, ele continuou a dar ordens aos seus homens durante anos. Por fim ele ordenou que sua cabeça fosse enterrada no Monte Branco.

Utilizar a história de Brân para comparação com as de Publius apresenta alguns problemas. Primeiramente, a datação dos enredos de ambos os relatos. Como vimos, o relato de Publius foi escrito por Phlegon no séc.II.d.C., a respeito de algo que teria acontecido aproximadamente 400 anos antes, enquanto que o relato de Brân encontra-se no livro chamado *Mabinogion*<sup>118</sup>, contos escritos entre 1300 - 1400 d.C..

Os contos encontrados em *Mabinogion* servem-se de fontes celtas redigidas num contexto cristão. Ao

---

<sup>115</sup> Hansen, op.cit. p.111.

<sup>116</sup> Thomas W. H. Rolleston. *Celtic Myths and Legends*. London: Senate, 1994. pp.363-373.

<sup>117</sup> Henry Hubert. *The Greatness and Decline of the Celts*. New York: Benjamin Blom, Inc., 1972. p.164.

<sup>118</sup> *Mabinogion* é uma coleção de contos gauleses preservados em manuscritos mais antigos, dos quais não se tem conhecimento. Contos que então foram transcritos para o Livro Branco de Rhydderch- *Llyfr Gwyn Rhydderch* por volta do ano 1350 d.C. e depois no Livro Vermelho de Hergest - *Llyfyr Coch o Hergest*, por volta de 1382 a 1410. Os especialistas acreditam que, apesar dos textos serem datados de períodos tardios eles são baseados na mitologia celta antiga.



analisarmos as histórias de Publius e de Brân, algumas semelhanças podem ser estabelecidas. Em ambas as histórias: 1. As personagens continuam a falar e dar ordens a seus soldados após terem as cabeças decepadas, 2. Nos lugares onde suas cabeças foram enterradas alguma edificação foi construída, 3. Os dois generais são personagens ilustres entre o seu povo, 4. Suas cabeças são consideradas sagradas<sup>119</sup>.

Na mitologia grega há uma personagem que está associada à viagem ao mundo dos mortos e possui sua cabeça decepada, Orfeu. Filho do deus Apolo e nascido na Trácia, Orfeu foi considerado pelos gregos como um dos maiores poetas e músicos. Ele se casou com Eurídice, uma ninfa. Durante o dia do casamento Orfeu cantava canções de alegria para sua amada, quando subitamente ela foi picada por uma serpente. O veneno do réptil levou a esposa de Orfeu à morte.

De luto por sua amada, Orfeu cantou canções que fizeram os deuses e ninfas chorarem. Eles então disseram para Orfeu ir até o Hades e resgatá-la. Durante sua viagem ao mundo dos mortos, Orfeu utilizou sua música para adormecer o guardião do reino dos mortos, Cérbero, o cão de três cabeças. Novamente, através da sua música foi capaz de convencer Perséfone<sup>120</sup> a permitir a saída de Eurídice do Hades. Uma condição lhe foi dada: durante a saída, ele deveria andar a frente dela e não poderia olhar para trás até que chegasse ao mundo dos vivos. Durante a sua caminhada, Orfeu, ansioso, olhou para trás com desejo de

---

<sup>119</sup> BAUDIŠ, Josef. "Mabinogion". in: *Folklore*. 27(1), 31/03/1916. pp.31-68.

<sup>120</sup> Considerada a rainha do mundo dos mortos, responsável por um evento que modificou a introdução da agricultura, assim ao mesmo tempo está associada à fertilidade. Hugh Lloyd-Jones. "Ancient Greek Religion". in: *Proceeding of the American Philosophical Society*. Philadelphia, 145(4), 2001. pp.458.



ver Eurídice. Dessa forma ele havia perdido para sempre sua amada.

De acordo com algumas versões do mito, Orfeu prometeu nunca mais se relacionar com outra mulher. Seguidoras do deus Baco, as Ménades, depois de terem sido desprezadas por Orfeu, o mataram a pedradas e pauladas, despedaçaram seu corpo e lançaram sua cabeça no rio Hebrus. Ainda com vida a cabeça flutuando cantava lindas canções para sua falecida esposa. Sua cabeça foi encontrada pelos habitantes de Lebos, na Ásia Menor, que a enterraram e fizeram um templo nesse local. Os deuses, entristecidos com a morte de Orfeu puniram as Ménades assassinas e as transformaram em carvalhos.

A história de Orfeu provavelmente não é proveniente da própria Grécia, mas sim da Ásia Menor. Ela apresenta elementos comuns à história de Publius: 1. Sua cabeça ainda continua a cantar as canções mesmo após estar morto, 2. Simbolismo ao mundo dos mortos. 3. As Ménades se transformando em carvalhos, 4. Orfeu ser filho do deus Apolo, 5. Um templo foi construído no local onde foi enterrada a sua cabeça.

O Oráculo VII proferido pela cabeça de Publius manifesta-se como inspirado pelo deus Apolo, o mesmo deus responsável pelos oráculos de Delfos, e no Oráculo II, o templo construído onde foi enterrado a cabeça de Publius foi dedicado à Apolo. Era comum na Antigüidade afirmar que Apolo possuía um acompanhante especial, um enorme lobo. Uma associação entre os papéis do deus Apolo na história de Publius e o pai de Orfeu poderão ser objetos de futuras pesquisas.

As duas histórias de Phlegon, Publius e do bebê andrógino ocorrem numa região que fora devastada por uma onda de invasões celtas entre os anos 298 a 265 a.C., logo



setenta anos antes da história de Publius. Uma vez expulsos da Grécia, principalmente sob a liderança dos etolianos (região das narrativas), essas tribos<sup>121</sup> foram para a Ásia Menor<sup>122</sup>. Tribos celtas, na Ásia Menor, depois de serem expulsas da região da Etólia: esse grupo possui elementos que unem todas as histórias num mesmo feixe. Não se pode, no entanto, fazer nenhuma afirmação concreta com relação à interdependência dessas histórias, mas pode-se observar um complexo mítico bem vasto e interconectado.

Outra história que pode ampliar a área geográfica desse complexo mítico é encontrada nas lendas sobre a origem de Roma. Cássio Dio<sup>123</sup> e Tito Lívio<sup>124</sup> narram uma história interessante que possui vários desses elementos.

Durante a escavação para a construção do templo de Júpiter localizado no monte Capitólio, sob o governo do quinto rei lendário de Roma, o etrusco Tarquínio, foi encontrada uma cabeça decepada a qual ainda continha sangue fresco em seu interior. Foram enviados mensageiros a um profeta etrusco para descobrirem qual o significado desse fenômeno. Ele anunciou que Roma seria poderosa e governaria muitas pessoas. O nome Capitólio dado ao monte segundo Tito Lívio significa a cabeça.

No parágrafo anterior a esse relato no fragmento da obra de Cássio Dio, há outro relato interessante, a narrativa sobre a origem dos oráculos sibilinos. Segundo a obra de Cássio Dio a própria Sibila visitou Tarquínio, levando consigo alguns livros de presente para ele contendo oráculos sobre o futuro de Roma. Entretanto, ao ser tratada com desprezo pelo rei, ela destruiu parte dos livros.

---

<sup>121</sup> T. G. E. Powell. *Os celtas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1974. p. 85.  
Henry Hubert. *The greatness and decline of the Celts*. New York: Benjamin Blom, Inc., 1972. pp.45-51.

<sup>122</sup> Hubert. *The greatness and decline of the Celts*. pp.38-45.

<sup>123</sup> Cássio Dio. *História Romana*. 2.11.

<sup>124</sup> Tito Lívio. *História Romana*. 1.50-51.



Alguns profetas interferiram e conseguiram preservar alguns desses livros antes que ela queimasse os demais.

Ainda nesse mesmo capítulo, Cássio descreve que durante um banquete de Tarquínio com seus amigos uma enorme serpente apareceu e os espantou levando-os para fora do salão. O rei em seguida enviou seus filhos a Delfos para descobrirem qual o significado desse acontecimento. O oráculo de Delfos afirmou que esse fato significava que ele não seria retirado de seus domínios até que um cachorro falasse como um ser humano.

A história de Tarquínio apresenta elementos interessantes: a própria Sibila visitando o rei para presenteá-lo com livros contendo oráculos sobre o futuro de Roma; a cabeça decepada encontrada num monte onde seria construído um templo predizendo o poderio romano. E por fim um oráculo de Delfos, anunciando que Tarquínio não seria deposto de seus domínios até que um cachorro falasse um discurso humano.

A cabeça decepada na narrativa da fundação de Roma é associada a um bom augúrio. A cidade recém fundada seria dominadora de vários povos e muito poderosa. No caso de Publius, uma outra cabeça decepada está profetizando que todas as riquezas conquistadas por Roma seriam devolvidas à Ásia: Roma perderia assim seu domínio, com base numa profecia que serve-se de meios análogos para expressar-se.

A cabeça decepada foi encontrada no local onde seria construído um templo. Esse elemento, como foi visto é encontrado tanto nas histórias de Publius como nas de Orfeu e Brân.



Em ambos os textos podem ser encontrar referências diretas ou indiretas à oráculos proferidos pela Sibila<sup>125</sup>, pretendendo revelar o futuro de Roma. No caso dos livros da Sibila<sup>126</sup> de Tarquínio o conteúdo não é revelado, enquanto os oráculos da narrativa de Publius apesar de não haver nenhuma indicação direta com a Sibila, eles se assemelham muito aos versos encontrados nos livros dos *Oráculos sibilinos* espalhados por todo o Oriente Próximo. Esses oráculos orientais, supostamente proferidos pela Sibila, em determinadas seções descrevem o futuro de várias nações, inclusive o de Roma.

Por fim, o cachorro que utilizaria a fala humana associado à queda do poder de um rei dominador de Roma poderia ser associado ao lobo que devora o general para dar legitimidade às desgraças proferidas por Publius a Roma.

A história de Publius pode ser analisada sob duas óticas. A primeira é inserindo-a no complexo mítico indo-europeu que une as histórias de cabeças decepadas, a segunda seria a do complexo mítico oriental do “Rei Vindo do Sol”.

A cabeça decepada encontrada no Monte Capitólio remete à origem de Roma, onde augúrios foram interpretados como revelando futuro promissor à jovem cidade italiana, enquanto na história de Publius os mesmos indícios prometiam um futuro tenebroso à poderosa cidade. A morte de Publius e sua cabeça “profética” não estão inseridas num simples relato de fantasmas, mas num complexo mítico muito

---

<sup>125</sup> No caso de Tarquínio, os livros contendo oráculos sibilinos são dados de presente pela própria Sibila, enquanto no caso de Publius, os seus oráculos possivelmente apresentam paralelos com os OrSib.

<sup>126</sup> Os livros sibilinos referidos na história de Cássio Dio não se referem ao OrSib, mas remetem à autoria da mesma figura mítica. Tanto os orientais quanto os ocidentais utilizaram a Sibila como pseudonímia para oráculos prevendo o futuro de Roma.



específico, comum a alguns povos de origem indo-européia, o mito das cabeças decepadas proféticas.

Ao estudar a história de Publius relevando os dados levantados nessa monografia observamos que ela difere muito das demais histórias de oráculos anti-romanos e histórias de fantasmas. Ela é um exemplo peculiar do alto grau de sincretismo cultural e religioso a que se poderia chegar durante o período helênico-romano.



## CONCLUSÃO

Phlegon de Tralles ao escrever *Sobre as maravilhas* pretendia reunir relatos fantásticos provenientes das mais diversas localidades dominadas por Roma. Algo que ele provavelmente não percebeu ao elaborar tal obra foi a concentrada presença de oráculos anti-romanos em uma de suas historietas.

O conhecimento de oráculos anti-romanos proferidos por um general romano foi meu primeiro contato com a história de Publius. Ao estudá-la e aprofundar minha análise na narrativa encontrei diversos elementos interessantes.

Primeiramente, algo já esperado no início da pesquisa, foi encontrar paralelos entre os oráculos dessa história e os outros oráculos encontrados em todo o Oriente Próximo. Pude chegar à conclusão de que eles fazem parte de um mesmo complexo mítico semita, a vingança da Ásia contra Europa, onde o anúncio de um rei vindo do Sol, ou da Ásia para restabelecer o cosmos é uma derivação.

Apesar do conteúdo oracular ser de proveniência semita, o enredo apresenta características indo-europeias. O contexto histórico no qual a narrativa se desenrola apresenta dados precisos concernentes à batalha nas Termópilas de 191 a.C. descritos de forma semelhante a alguns historiadores greco-romanos. Na comparação entre as obras historiográficas e a narrativa em *Sobre as maravilhas* pôde-se observar uma grande semelhança entre o general Públio Cipião Africano e o general Publius.

Outra observação feita foi concentrada presença de determinados elementos indo-europeus encontrados no relato dos últimos momentos de vida do general romano Publius, que



poderá levar a tona novas possibilidades de análise à narrativa.

Os elementos encontrados na descrição da morte do general Publius: histórias de cabeças decepadas associadas de alguma forma ao mundo dos mortos ou à pronunciamentos oraculares, são encontradas entre povos indo-europeus, grande parte desses, provenientes de uma mesma região.

Essa história ilustra a que ponto o elevado grau de sincretismo cultural pode unir elementos de diversas regiões em uma única história. Sem perder a sua forma e estrutura inicial os complexos míticos foram re-apropriados e agrupados segundo uma finalidade, talvez perdida e cujo segredo apenas o próprio autor da narrativa conhecia.

Não pretendo nesta monografia chegar a grandes conclusões com relação à história de Publius, mas sim apresentar a riqueza de detalhes e paralelos que podem ser desenvolvidos a partir dessa narrativa.

Para uma melhor compreensão desses temas novos estudos e pesquisas terão que ser desenvolvidos. Num futuro próximo, pretendo continuar esta minha análise numa dissertação de Mestrado, pois acredito, para minha surpresa, que os elementos encontrados nesta pesquisa poderão auxiliar na elaboração de mais linhas e páginas acadêmicas.



## BIBLIOGRAFIA

### A) FONTES PRIMÁRIAS:

#### 1) AUTORES ANTIGOS

APIANO. *Guerras Siríacas*. 4.21; 23.

CÁSSIO DIO. *História Romana*. 2.11; 19.18-20.

JERÔNIMO. *As Crônicas*. PL 27, 570-573.

JOSEFO. *Guerra dos judeus*. 6.310-315.

ORÁCULOS SIBILINOS 3.286-294; 350-355; 652-656; 4.145-148;  
5.108-110.

PHLEGON DE TRALLES (FrGH. 257 F36).

PLÍNIO. *História Natural*. 16.95.

POLÍBIO. *História*. 28.8.

SUDA phi,527 - *Fl egwn, Trai l ianoj*.

SUETÔNIO. *Vida de Vespasiano*. 7.

TÁCITO. *História*. 4.82.

TITO LÍVIO. *História Romana*. 1.50-51; 37.1.

YASHT 19.92-94.

#### 2) TEXTOS BÍBLICOS

APOCALIPSE DE JOÃO 18.4-8.

ATOS DOS APÓSTOLOS 1.6.

DANIEL 2.44.

LUCAS 24.44.

MARCOS 15.33.

MATEUS 14.30; 27.45; 52-53.



2) EDIÇÕES MODERNAS DAS FONTES UTILIZADAS:

A *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1986.

APIANO. *History of Rome: The Syrian Wars*. (versão on line)  
in: <<http://www.livius.org/ap-ark/appian/appian.html>>.  
20/05/2008.

CHARLESWORTH, James (ed.). *The old Testament Pseudepigrapha*.  
New York: Doubleday, 1983-1985. (2 volumes).

DIO, Cássio. *Hitória Romana* (versão on line) in:  
<<http://www.gutenberg.org/files/18047/18047-h/18047-h.htm>>. 28/05/2008.

HANSEN, William (ed.). *Phlegon of Tralles Book of Marvels*.  
Exeter: University of Exeter Press, 1996.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der griechischen Historiker*, 3  
vol in 14, Berlin and Leiden: Brill, 1958.

Jerome. *Temporum liber*. (versão on line). in:  
<[http://www.tertullian.org/fathers/jerome\\_manuscript.php](http://www.tertullian.org/fathers/jerome_manuscript.php)>  
. 17/06/2008.

\_\_\_\_\_. *The Chronicle*. (versão on line). in:  
<[http://www.tertullian.org/fathers/jerome\\_chronicle\\_03\\_part2.htm](http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_03_part2.htm)>. 10/06/2008.

LÍVIO, Tito. *Ab urbe condita*. (versão on line). in:  
<<http://www.thelatinlibrary.com/liv.html>>. 18/06/2008.

\_\_\_\_\_. *The History of Rome*. (versão on line). in:  
<<http://mcadams.posc.mu.edu/txt/>>. 29/05/2008.

MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologia cursus completus*. Versão  
5.0 em CD-ROM, 1993-1996.

SUDA (versão on line) Byzantine Lexicography. in:  
<<http://www.stoa.org/sol-bin//search.pl>>. 15/05/2008.

WALBANK, Frank W. *Polybius*. Los Angeles: University of  
California Press, 1990.



**B) AUTORES MODERNOS:**

1) *DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS*

OCD - Oxford Classical Dictionary (versão digital)

2) *ARTIGOS E LIVROS*

AUNE, David E. *Prophecy in early Christianity and the ancient Mediterranean world*. Michigan: Grand Rapids, 1989.

BALSDON, John. "Rome and Macedon, 205-200 B.C.". in: *The Journal of Roman Studies*. 44, 1954. pp.30-42.

BAUDIŠ, Josef. "Mabinogion". in: *Folklore*. 27(1), 31/03/1916. pp.31-68.

CHRISTOPHER, Rowland. *The Open Heaven*. London: SPCK, 1992.

CHARLESWORTH, James H. *The old Testament Pseudepigrapha*. 2v. New York/ London/ Toronto/ Sydney/ Auckland: Doubleday, 1983-1985.

COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o mundo que vira. As Origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLLINS, John. J. *Seers, Sybils and Sages in Hellenistic-Roman Judaism*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.

\_\_\_\_\_. *The apocalyptic Imagination*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.

COULTER, Cornelia C. "The transfiguration of the Sibyl". in: *The Classical Journal*. Chicago, 46(3), 1995. pp.121-126.

CRAWFORD, Michael. *Mirabila and personal names in: Simon Hornblower e Elaine Matthews (orgs.). Greek Personal Names: Their Value as Evidence*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

DOWNEY, Glanville. "The Occupation of Syria by the Romans". in: *Transactions and proceedings of American Philological Association*. Baltimore, 82, 1951. pp.149-163.



- ECKSTEIN, Arthur. M. "Glabrio and the Aetolians: A Note on Deditio". in: *Transactions and proceedings of American Philological Association*. Baltimore, 125, 1995. pp.271-289.
- EDDY, Samuel K. *The King is Dead: Studies in the near Eastern Resistance to Hellenism, 334-31 B. C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.
- GRANT, Michael. *The Ancient Historians*. New York: Charles Scribners's Sons, 1970.
- GINZBURG, Carlo. *História noturna: Decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GUERRA, Tupá G. "A interpretação de Vespasiano como o 'rei vindo do Sol' nos *Oráculos sibilinos*". in: <<http://www.pej-unb.org>>. 06/2008. Armazenado em: <[http://www.pej-unb.org/downloads/paper\\_tupa\\_unb\\_2007.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/paper_tupa_unb_2007.pdf)>.
- HANSEN, William (ed.). *Phlegon of Tralles Book of Marvels*. Exeter: University of Exeter Press, 1996.
- HUBERT, Henry. *The Greatness and Decline of the Celts*. New York: Benjamin Blom, Inc., 1972.
- HULTGÅRD, Anders. "Ecstasy and vision" in: HOLM, Nils (ed.). *Religious Ecstasy. Based on Papers read at the Symposium on Religious Ecstasy held at Abo, Finland, on the 26<sup>th</sup>-28<sup>th</sup> of August 1981*. Stockholm: Almqvist & Wilsell International, 1982.
- \_\_\_\_\_. Persian apocalypticism in: Collins, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Chistianity*. New York: Continuum, 1998, Vol 1.
- JACOBY, Felix. *Die Fragmente der griechischen Historiker*, 3 vol in 14, Berlin and Leiden: Brill, 1958.
- LLOYD-JONES, Hugh. "Ancient Greek Religion". in: *Proceeding of the American Philosophical Society*. Philadelphia, 145(4), 2001. pp.456-464.
- MATTHEWS, Caitlín. *The Elements of Celtic Tradition*. Boston: Elements Books, 1989.



MCGING, Brian. *The Foreign Policy of Mithridates VI Eupator, King of Pontus*. Brill: Brill Academic Publishers, 1986.

POWELL, T. G. E. *Os celtas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1974.

PUMA, Richard. "An Etruscan mirror with the prophesying head of Orpheus". *Record of the Art Museum*. Princeton, 60, 2001. pp.19-29.

ROLLESTON, Thomas. *Celtic: Myths and Legends*. London: Senate, 1994.

SANFORD, Eva M. "Roman Avarice in Asia". *Journal of Near Eastern Studies*. Chicago, 9(1), 2001. pp.19-29.

VICTORIA, Luiz A. *Dicionário Básico de Mitologia. Grécia-Roma-Egito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

WALBANK, Frank W. *Polybius*. Los Angeles: University of California Press, 1990.